

# A GRAÇA DIVINA NO EPISÓDIO DA TORRE DE BABEL

## DIVINE GRACE IN THE TOWER OF BABEL EPISODE

✉ Flávio da Silva de Souza<sup>1\*</sup>

✉ Haroldo Magalhães Martins<sup>2</sup>

**Resumo:** Muitos veem no antigo testamento um Deus tirano e um Juiz arbitrário. Entendem as ações divinas como desprovidas de graça e de bondade, sendo muitas vezes cruéis e punitivas. A história de Babel, quando mal interpretada, pode sustentar essa ideia. Gn 11:1 - 9 levanta muitas questões, tais como: o que levou o povo à construção? Deus agiu para punir ou salvar os babelitas? Por que é usado o tetragrama na história de Babel? Existe ou não graça nesse relato? Para respondermos essa pergunta utilizaremos a Bíblia, por meio do texto de Gênesis em sua forma final, mais especificamente Gn 11:1 - 9 e seus paralelos com Gn 6, por meio de uma análise exegética do texto e de uma revisão bibliográfica. Esse artigo tentará esclarecer como a graça divina se manifesta em Babel e mostrar que o amor de Deus é dado a todos independente de suas situações. Assim chegaremos à conclusão que Deus sempre foi o mesmo e não muda. Sua graça é dada a todos incluindo os babelitas.

**Palavras-chaves:** Gênesis; graça; julgamento divino; torre de Babel.

**Abstract:** Many people see in the Old Testament a tyrannical God and an arbitrary Judge. They understand divine actions as devoid of grace and goodness, and are often cruel and punitive. The story of Babel, when misinterpreted, can support this idea. Gen 11:1 - 9 raises many questions such as: what led the people to build? God acted to punish or save the babelites? Why is the tetragram used in the story of Babel? Is there any grace in this account? To answer this question we will use the Bible, through the text of Genesis in its final form, more specifically Gen 11:1 - 9 and its parallels with Gen 6, through an exegetical analysis of the text and a bibliographic review. This article will try to clarify how divine grace manifests itself in Babel and to show that God's love is given to all regardless of their situations. So we will come to the conclusion that God has always been the same and does not change. His grace is given to all including babelites.

**Keywords:** Genesis; grace; divine judgment; tower of Babel.

1. Mestre em Ciência da Religião pela UFJF, mestre em Teologia pelo SALT-IAENE. E-mail: [flavio.souza@adventista.edu.br](mailto:flavio.souza@adventista.edu.br).

2. Aluno do curso de bacharelado em teologia pelo Seminário Adventista Latino-americano de Teologia. SALT-IAENE. E-mail: [haroldomagalhaesmartins@gmail.com](mailto:haroldomagalhaesmartins@gmail.com)

\* **Autor correspondente:** [flavio.souza@adventista.edu.br](mailto:flavio.souza@adventista.edu.br)

**Submissão:** 05/08/2021

**Aceite:** 27/11/2021

### Como citar

LOPES, P. E.; SOUSA, D. R. A. A graça divina no episódio da torre de Babel. *Praxis teológica*, v. 18, n. 1, p. e1553, 2021. DOI: <https://doi.org/10.25194/2317-0573.2022v18n1.e1553>

Muitos enxergam as ações divinas no Antigo Testamento (AT) como julgamento arbitrário e tirano, o que leva algumas pessoas a crerem que o Deus do AT é diferente do Deus do Novo Testamento (NT), ou pelo menos age de forma diferente. Assim, creem que “O Deus do AT” é tirano e irado e “O do NT” é bondoso e gracioso.

Na história de Babel podemos ver um ato divino interferindo nas atitudes humanas, esse ato é tido por alguns como um julgamento no qual a graça divina não pode ser vista. Por meio desse artigo iremos buscar entender se existe ou não graça nesse relato, para isso vamos analisar os pecados de Babel e explicar como a ação de Deus se caracteriza como um ato de amor e graça.

Analisaremos o texto de Gênesis<sup>1</sup>, não nos deteremos em questões como autoria e data, antes tomaremos o texto como ele é em sua forma final. Também será feita uma revisão bibliográfica de comentários desta perícópe.

Por meio da análise, buscaremos explicar quem foi o líder na construção da torre e quais eram suas prováveis intenções, depois esclareceremos quais eram os possíveis pecados cometidos pelos babelitas, para então vermos como Deus agiu e em que consiste a sua descida até a terra. Com isso, enfim entenderemos como esse relato revela a graça divina.

## ESTRUTURA DO LIVRO DE GÊNESIS

É importante começar esse estudo analisando a estrutura do livro de Gênesis, juntamente com as histórias que antecedem Babel, a fim de entendermos melhor a perícópe onde se encontra a história das divisões das línguas.

De início, o livro de Gênesis apresenta duas grandes divisões; a história das origens (Gn 1:1, 11:26) e as histórias dos patriarcas (Gn 11:27, 50:26). Pode-se observar que a primeira parte “é um prefácio à história da salvação, tratando da origem do mundo, da humanidade e do pecado,” enquanto a segunda parte “reconta as origens da história da redenção no ato de Deus escolher os patriarcas, juntamente com as promessas de terra, posteridade e aliança” ([LASOR; HUBBARD; BUSH, 1999, p. 16](#)).

Outras divisões do livro, essa sendo divisões na estrutura literária, são as dez תולדות (tôl<sup>e</sup>dôt)<sup>2</sup>, essas seções, segundo Waltke (2010), funcionam em Gênesis como ciclos, formando as divisões do livro e traçando o programa de Deus de trazer a semente da serpente sob o domínio da semente eleita da mulher.

Os inícios dessas seções são bem definidos pela expressão hebraica תולדות (tôl<sup>e</sup>dôt), podendo ser, em certos casos, pura lista de nomes ou ainda nomes envoltos de relatos históricos, com exceção da primeira תולדות (tôl<sup>e</sup>dôt) que contém somente um relato histórico ([DATTLER, 1984](#)). Precisamos entender que “Toledoth não é apenas um marco das divisões do livro; é também um sinal de sobrevivência e da continuidade do plano de Deus para a criação, apesar das desvantagens do pecado humano” ([LASOR; HUBBARD; BUSH, 1999, p. 16](#)).

1 Os textos em hebraico foram retirados da Bíblia Hebraica Stuttgartensia.

2 *tôl<sup>e</sup>dôt* é a expressão que marca o início de cada seção do livro, é traduzida comumente como “história de” ou “gerações de”. A divisão do livro consiste em um prólogo (1:1-2:3) seguido da primeira *tôl<sup>e</sup>dôt*: a geração do Céu e da Terra (2:4-4:26), depois o relato das gerações de Adão (5:1-6:8), o relato das gerações de Noé (6:9-9:29), o relato das gerações dos filhos de Noé (10:1-11:9); as gerações de Sem (11:10-26), as gerações de Terá (11:27-25:11), o relato das gerações de Ismael (25:12-18), o relato das gerações de Isaque (25:18- 35:29), o relato das gerações de Esaú (36:1-37:1), e por último o relato das gerações de Jacó (37:2-50:26).

Rendsburg (1986) nota que existe uma simetria progressiva<sup>3</sup> nos primeiros cinco תולדות (tôl<sup>e</sup>dôt), que compõem a história das origens, esse paralelo liga toda essa parte de Gênesis formando uma estrutura harmônica e coesa, e sem dúvida uma narrativa surpreendente e envolvente. Pode-se observar essa estrutura paralela por meio do seguinte esquema:

- A. História da criação: primeiro início; bênção divina (1:1; 2:3)
  - B. Pecado de Adão: nudez; vergonha; cobrir nudez; maldição (2:4; 3:24)
  - C. Nenhum descendente ao jovem assassinado; Abel, filho justo (4:1 – 16)
  - D. Descendentes de Caim, filho pecaminoso (4:17 – 26)
  - E. Descendentes de Sete, filho escolhido: dez gerações de Adão a Noé (5:1 – 32)
  - F. Ruína: união ilícita (6:1 – 4)
  - G. Breve introdução à Noé, por meio dele Deus salvará a humanidade (6:5 – 8)
- 
- A'. História do dilúvio: reversão da criação; novo início; bênção divina (6:9; 9:19)
  - B'. Pecado de Noé: nudez; vergonha; cobrir nudez; maldição (9:20 – 29)
  - C'. Descendentes do mais jovem; Jafé, filho justo (10:1 – 5)
  - D'. Descendentes de Cam, filho pecaminoso (10:6 – 20)
  - E'. Descendentes de Sem, filho escolhido: dez gerações de Noé a Tera (10:21 – 32)
  - F'. Ruína: união rebelde (Torre de Babel) (11:1 – 9)
  - G'. Breve introdução de Abraão, por meio dele Deus abençoará a humanidade (11:27 – 32)<sup>4</sup>

Assim, observa-se que a partir de Gn 6:9 as histórias contadas anteriormente se repetem seguindo uma ordem, contendo similaridades e diferenças. Deste modo podemos dizer que a criação faz um paralelo com o dilúvio, transformando-o em uma “re-criação” (PAULIEN, 2004), a queda de Adão se assemelha a embriaguez de Noé, sendo esse último episódio uma “re-queda” e, por último, a situação de ruína dos antediluvianos se equivale a situação dos babelitas, sendo essa uma “re-ruína”.

Iremos analisar a história de Babel, a “re-ruína”, cuja perícopé está contida na quarta תולדות (tôl<sup>e</sup>dôt) que por sua vez se encontra na primeira grande divisão, a história das origens.

A história das origens inicia com a criação do mundo e do ser humano, que em pouco tempo desobedece ao Criador. Vemos que logo após a queda o ser humano entrou em declínio, a terra crescia em maldade, os pecados se tornaram mais intensos e comuns. Caim, por ódio, matou seu irmão (4:8), logo em seguida o homicídio de Caim se tornou simplório perto das ações de Lameque (4:23) e cada vez mais o pecado se tornou comum a ponto de todos os pensamentos humanos serem continuamente maus (6:5), a maldade só não era global por causa do justo Noé (6:8-9), pelo qual Deus daria oportunidade de salvação para toda humanidade.

Por não desviarem de sua maldade a humanidade foi destruída com o dilúvio e junto dela a terra, restando apenas Noé e sua família (7:23). O mundo entrou num processo de “re-criação” após o dilúvio, contudo, a humanidade voltou a crescer, não somente em número, mas também em maldade. Em oposição às ordens de Deus, alguns se reúnem em Sinar para edificar uma cidade e uma torre, ali reunidos dão início a sua empreitada sobre o comando de Ninrode.

3 O autor chama essa estrutura de “alternante”, ele também agrupa os primeiros cinco *tôl<sup>e</sup>dôt* sob o tópico “História Primeva” aqui chamado de “história das origens”.

4 Dorsey (2004) também propõe essa estrutura paralela.

Saber quem foi esse líder, tal como quem eram os babelitas, e o que os motivou a construir em Sinar é muito importante para melhor entendermos os atos de Deus. É exatamente sobre isso que trataremos a seguir.

## QUEM FORAM OS BABELITAS

Após o dilúvio os descendentes de Noé formam nações (Gn 10), uma destas é Babel. De todos os povos citados no capítulo 10<sup>5</sup>, Babel é a única cuja história é mencionada dentro da mesma *תולדות*. O autor registra a origem dessa cidade, como também sua maior pretensão, ter um nome famoso por meio da construção de uma torre. A fim de conhecer melhor esse povo, evidenciaremos as suas possíveis características de acordo com o que é mencionado no texto bíblico.

## OS FILHOS DOS HOMENS

No decorrer da narrativa, o autor faz uma crítica aos babelitas ressaltando a maldade desse povo. Como mencionado anteriormente, a história de Babel é paralela à história dos antediluvianos, mas é em Gn 11:5 que esse paralelo se intensifica. Temos aqui uma expressão que marca a ligação entre essas duas narrativas, o autor bíblico faz questão de chamar a humanidade de “filhos dos homens” (*בני האדם* - benê hā’ādām), termo semelhante ao usado em Gn 6, “filhas dos homens” (*בנות האדם* - benôt hā’ādām). Em Gn 6 há uma menção aos “filhos de Deus” (*בני האלילים* - benê hā’ēlōhīm) ou seja, os descendentes de Sete e outra às “filhas dos homens”, ou seja, as mulheres filhas da descendência Caim. Dessa união nascem os gigantes ou Nefilins<sup>6</sup>.

Existem duas linhas de pensamento quanto ao que se refere o termo “filhos de Deus”, se aos anjos caídos ou aos descendentes de Sete; não vamos nos deter a essa discussão, porém assumiremos a segunda como axioma. Essa é uma interpretação que pode ser vista mesmo em literaturas mais antigas. Apócrifos como o Segundo Livro de Adão e Eva 11:4<sup>7</sup> já assumia os filhos de Deus como sendo os descendentes de Sete (TRICCA, 1992).

Foi tanta a pecaminosidade dos filhos dos homens antes do dilúvio que, ao Senhor olhar para a terra, seu coração entristeceu e Ele se arrependeu de ter criado o homem. O arrependimento divino de Gn 6:6 deve ser entendido como uma tristeza, como fica expresso no próprio texto, pois lhe “pesou o coração” (6:6). Deus não se arrependeu como quem faria tudo diferente se pudesse, Ele ficou triste com a vida que os homens levavam. O verbo *נָאֵם* (nā’am), que é o traduzido como “arrepender”, tem o sentido de “respirar profundamente” e é usado normalmente para Deus; o arrependimento humano é expresso pelo verbo *שָׁוָה* (šūv) (HARRIS; ARCHER JR.; WALTKE, 1998).

Ao chamar os babelitas de filhos dos homens o autor está propondo que a maldade dos pós-diluvianos se assemelha à maldade dos antediluvianos, ele está fazendo um paralelo entre esses dois povos, mostrando que a humanidade estava caminhando para a mesma condição do

5 Uma vez que esse capítulo descreve antecipadamente a diversidade de povos e suas línguas distintas, podemos supor que esse é um caso de descronologização deliberada, tendo em vista que a perícope de Gn 11:1 – 9 descreve eventos anteriores e paralelos aos do capítulo 10 (SOUZA, 2014).

6 O nome Nefilins, segundo Francisco (1990), se refere a uma pessoa agigantada fisicamente, o que era real, mas também agigantada pecaminosamente, o que não deixa de ser verdade. Os nefilins eram gigantes, disso não há dúvidas (Nm 13:33), porém em Gênesis a ênfase, segundo Francisco, está na grandeza de seus pecados. Um outro significado da palavra *נפילים* (nefilim) nos ajuda entender melhor a impiedade dos filhos dos homens. É provável que ela derive do verbo *נפל* (nfl), “cair”. Assim, a conotação nesse verso pode ser a de “caídos”, referindo-se à natureza caída e enfraquecida da humanidade naqueles dias (PFEIFER; VOS; REA, 2007). Em outras ocorrências da palavra *נפילים* fica mais evidente o dito de Pfeifer, Vos e Rea, pois ela é traduzida normalmente como “caídos” ou “caíram” (Dt 22:4; 1 Sm 31:8; Ez 32:23; Ez 32:27). Esse termo em Gênesis possivelmente se refere aos homens caídos, as mentes humanas que caíram em pecado, que se entregaram totalmente ao mal, e o autor bíblico compara os babelitas a esses maus homens.

7 Apesar de não podermos considerar tal literatura canônica ela reflete o pensamento de alguns no período do início do cristianismo e, segundo João Paulo II (1994), é um instrumento essencial para o exegeta tal como uma ajuda muito valiosa para compreensão dos textos.

mundo que foi destruído pelo dilúvio. É possível que os homens em Sinar estavam repetindo os atos que levaram à destruição nos dias de Noé.

Henry (2004) comenta que rapidamente os homens se esqueceram dos juízos mais graves, e voltaram aos seus crimes anteriores e que mesmo não estando tão longe da devastação do dilúvio, mesmo que tenham vindo da semente do justo Noé, e mesmo que ele ainda estivesse em vida, a maldade aumentava de forma excessiva<sup>8</sup>. Deus havia demonstrado seu descontentamento com as ações humanas e por isso destruiu a terra e seus habitantes. “Mas, assim que a terra foi repovoada, os homens retomaram sua hostilidade a Deus e ao céu. Eles transmitiram sua inimizade à sua posteridade, como se a arte e o meio de enganar os homens e fazer com que continuassem a guerra não-natural, fosse um legado sagrado” (WHITE, 1896, p. 3, tradução livre).

No paralelo entre Gn 6 e Gn 11 há um agravante, pois em Babel, ao contrário de Gn 6, não é mencionado os filhos de Deus, a semente eleita é omitida nesse relato. Não que ela deixou de existir, mas em Sinar não havia nenhum filho de Deus se quer.

Tudo que foi feito antes do dilúvio estava se repetindo, Babel estava praticando o que a marcaria para sempre, iniquidade, autossuficiência, idolatria e oposição a Deus, essas se tornaram características pela qual essa cidade é lembrada até os dias de hoje. Veremos mais sobre esses atos dos construtores em sessões seguintes. Agora, porém buscaremos conhecer mais sobre o líder dessa construção.

## QUEM FOI NINRODE

Em Gn 10:8-10 é revelado previamente o líder de Babel: Ninrode. São poucos os versículos que falam dele, além desses cinco em Gênesis há uma menção na genealogia de 1Cr 1 e em Mq 5:6, porém esses poucos versos já nos dizem muito.

A partir de seu nome já temos uma ideia ampla de suas intenções e ações, pois Ninrode significa “rebelde” (CRISP, 2002), sem dúvida ele faz jus ao nome que lhe foi dado, pois se olharmos sua história veremos que ele foi o primeiro a ser registrado na Bíblia como um homem que organizou uma rebelião contra Deus, isso acontece justamente ao planejar a construção de Babel.

Algo que fica bem claro em Gn 10 é que Ninrode foi um homem poderoso, um líder na terra e um grande caçador, pois o texto diz ser ele um “poderoso caçador diante do Senhor” (CRISP, 2002). Segundo Dorneles (2011) a expressão גִּבּוֹר (gibôr), traduzida comumente como “poderoso”, denota uma pessoa famosa por atos ousados e audaciosos, com isso podemos entender que Ninrode deve ter alcançado essa fama por lutar contra animais perigosos<sup>9</sup>, contudo a expressão גִּבּוֹר também pode indicar alguém tirano. Holladay (2000) comenta que essa palavra, usada para descrever o poder de Ninrode, indica que ele era um déspota, governando a terra com verdadeira tirania. Deste modo גִּבּוֹר pode indicar tanto alguém que é ousado e intrépido quanto alguém que age com hostilidade provocadora, insolência e/ou orgulho (VANGEMEREN, 2011a). Por conta do contexto, que veremos a frente, podemos concluir que a segunda opção seja mais apropriada a Ninrode.

Zuck (2009) ressalta que a expressão traduzida por “valentes” (Gn 6:4) para descrever os Nefilins é גִּבּוֹרִים (gibôrîm), que é plural do adjetivo que descreve o poder de Ninrode em Gn 10:9, גִּבּוֹרִים. Mais uma vez é reforçado o paralelo entre esses dois povos, o autor novamente deixa claro que os babelitas estavam voltando aos crimes dos que os precederam, como já vimos, e, no caso de Ninrode de maneira mais clara, se vangloriavam disso.

8 A divisão da língua em Babel ocorre cerca de 101 anos depois do dilúvio, mas sua construção se deu, provavelmente, antes. Quanto a Noé, ele viveu 350 anos após o dilúvio (9:28), por tanto estava ainda vivo na divisão das línguas.

9 Isso era necessário pois os animais se reproduzem mais rápido que o ser humano, por essa razão dominaram rapidamente parte do território da terra, e podem ter se tornando um “problema” depois do dilúvio, principalmente para aqueles que buscavam conquistar terras de maneira exploratória e tirânica, invadindo os habitats desses animais.



Com isso, é perceptível que há indícios de que Ninrode foi um homem muito mau e que se rebelou contra Deus. Clarke (1832) nos lembra que na tradição do targum nos é dito que Ninrode se tornou poderoso no seu pecado e um rebelde perante Deus, o targum de Jonatham Bem Uzziel afirma que: “desde a fundação do mundo, ninguém jamais se encontrou semelhante a Ninrode, poderosos na arte da caça e em rebeliões contra o Senhor” (UZZIEL apud CLARKE, 1832, p. 86, tradução nossa). Clarke ainda comenta que Ninrode construiu seu poder e o usou de maneira tirânica e despótica, pois foi por meio de violência e afronta a Deus que fundou o seu reino na terra.

Além de toda maldade já expressa, Crisp (2002) sugere que a expressão que aparece em Gn 10:9, “diante do Senhor” (לִפְנֵי יְהוָה - lipenê yehvâh) tem uma implicação que denota o mal, enfatizando ainda mais a maldade desse caçador. Isso denota que Ninrode, de forma ousada e clara, desafiou ao Senhor. Essa expressão parece indicar, pelo contexto, que ele estava se colocando no mesmo nível de Deus, confrontando-O cara a cara, se vangloriando de sua rebeldia e afronta aos concertos de Deus. Isso é possível, uma vez que Ninrode desprezando a Deus começou a caçar violentamente, mesmo quando Deus tão recentemente havia manifestado seu ódio pelo pecado da violência, destruindo a terra com o dilúvio (POOLE, 1982).

A preposição לִפְנֵי que aparece nessa expressão possui um sentido avaliativo, onde algo ou alguém é analisado (PINTO, 1998). Essa mesma expressão aparece em Gn 6:11 onde a terra é avaliada como corrompida, Noé em Gn 7:1 é avaliado e considerado justo. Em Gn 10:9 a mesma expressão aparece para Ninrode, isso pode nos indicar que os atos de afronta feitos por esse déspota estavam sendo avaliados e em breve receberiam uma sentença. Além de ser, na história dos babelitas, mais uma referência aos antediluvianos.

O fato de Ninrode ter se tornado um caçador já é algo que nos mostra seu desgosto para com Deus. Uma vez que o próprio Deus havia selado a paz entre animal e homem (Gn 9:2), se tornar caçador era uma maneira de se rebelar contra Deus e quebrar o relacionamento restaurado pelo Altíssimo.<sup>10</sup> Esse relacionamento foi restaurado com Noé (9:2), que também foi um líder sobre a terra, contudo um líder diferente de Ninrode. Uma comparação entre esses homens será útil para reforçar a verdadeira situação de Ninrode.

## Ninrode e Noé

Noé vivia em um tempo de confusão e maldade e foi o único, juntamente com sua família, a ser considerado justo naquela geração (7:1), por sua obediência a Deus construiu uma arca para sobreviver ao dilúvio que Deus disse que mandaria, a construiu para se salvar obedecendo uma ordem divina (6:13-17). Após a ação de Deus na terra, Noé ergue um altar para o Senhor (8:20), suas ações preservaram a vida de muitos animais e o Senhor sela a paz entre a humanidade e fauna.

Ninrode, por sua vez, vivia em um tempo de paz e juntamente com seus seguidores se rebelaram contra Deus (10:9), por sua rebeldia construiu uma cidade e uma torre para sobreviver a um dilúvio que Deus disse que não mandaria, constrói ambas para se unir, desobedecendo às ordens de Deus (dadas em Gn 9:1), após a ação de Deus na terra (11:7) Ninrode ergue novas cidades (10:11); como caçador suas ações trouxeram a morte de muitos animais, ele também viveu quebrando a paz selada pelo Senhor.

Quão diferentes foram as lideranças desses dois homens, infelizmente o número de seus seguidores também foi diferente, enquanto Noé somente teve sua família consigo, Ninrode arrastou

<sup>10</sup> Abordaremos as quebras e restaurações desse relacionamento mais a frente.

uma nação para a maldade. Ninrode foi o oposto de Noé, sua liderança foi oposta a tudo o que Deus havia pedido.

Um último contraste se encontra na preposição לִפְנֵי (10:9) (lipenê) usada para Ninrode com uma denotação para o mal, como já vimos. Essa mesma preposição ocorre em Gn 7:1 (לִפְנֵי - lepā-nay) para se referir a Noé, nesse verso a justiça de Noé é ressaltada quando ele é colocado diante de Deus. Assim entendemos que ambos os personagens estiveram diante do Senhor, foram avaliados. Se Deus viu Noé como justo quando diante dele (7:1) o que será que viu quando Ninrode estava na Sua frente (10:9)? Ou ainda quando Ele desceu para ver a cidade que Ninrode edificava (11:5)?

A essa altura algumas atitudes de Ninrode se sobressaem, a sua apostasia e revolta para com Deus são algumas delas. Dessa maneira já podemos ter um vislumbre sobre o real motivo que levou os seres humanos a construir a torre; a apostasia. Contudo, há outros indicadores do contexto de maldade presente no período da construção da torre, por exemplo, essa é uma das histórias onde os relacionamentos estabelecidos no Éden são quebrados.

## QUEBRA DOS RELACIONAMENTOS

Para compreendermos melhor o contexto de maldade em que os babelitas viviam, precisamos entender que há um fluxo constante em todo o Gênesis de restauração e quebra da imagem de Deus. Fomos criados para nos relacionar com os outros, nos relacionarmos com Deus, administrar o meio ambiente e assim refletir a imagem de Deus (LESSA et al., 2003). Segundo Veloso (1984) a vida foi dada a Adão juntamente com esse relacionamento tríplice, mas na queda isso foi quebrado e desde então Deus começou a restaurar, mesmo que de maneira parcial, esses relacionamentos no ser humano que, por sua vez, rompia essa restauração. Para entendermos melhor voltemos ao princípio.

Na criação é estabelecido um relacionamento tríplice para o ser humano, e assim como o homem era perfeito esses relacionamentos também deveriam ser. O homem foi criado à imagem e semelhança de Deus (1:26-27) e esse é o primeiro relacionamento, uma intimidade contínua com Deus. O segundo relacionamento está contido na ordem “frutificai e multiplicai” (1:28), essa é uma ordem para que o ser humano não estivesse só, assim o relacionar-se com os outros é o segundo pilar. O terceiro se refere ao domínio justo sobre a terra e animais (1:28) (LOCKTON, 1992).

Esse relacionamento que deveria ser perfeito é quebrado por ocasião da queda, por consequência, o relacionamento com Deus é fragilizado a ponto de se esconderem de dEle (2:10). O homem acusa a mulher (2:12) e quebra o relacionamento sincero entre os primeiros humanos. Por fim a terra produziria abrolhos e espinhos e o homem teria dificuldade para cultivar a terra (2:17-19), quebrando o domínio do homem sobre a natureza.

Segundo Paulien (2004), na história dos antediluvianos, essa divisão é intensificada, pois a inundação se dá pelo distanciamento do homem com Deus (6:5-7, 12-13), nesse período as pessoas também começaram a odiar e assassinar umas às outras (4:8, 6:13), por fim, o Criador se arrependeu de ter feito não somente o homem, mas também os animais, pois até a terra estava corrompida (6:6-11), a quebra do domínio sobre a natureza havia se intensificado.

O que foi construído no Éden foi quebrado na queda e intensificado com o tempo até o dilúvio. No fim do dilúvio o processo de “re-criação” começou, pois “quando o dilúvio é descrito, a linguagem da criação é usada” (PAULIEN, 2004, p. 42, tradução nossa). Os três relacionamentos são restaurados logo após o dilúvio, mesmo que não de maneira perfeita. A mesma ordem dada a Adão e Eva de multiplicar e encher a terra é agora dada a Noé e seus familiares (9:1 e 7), o domínio sobre a natureza é restaurado e os animais voltam a ter respeito pelo homem (9:2), por fim Deus restaura o relacionamento humano- divino fazendo uma aliança eterna (9:9-11).

Depois de restaurados, esses três relacionamentos são mais uma vez quebrados. Sabemos que, pela estrutura da história das origens, a embriagues de Noé caracteriza a “re-queda”, assim está presente aqui as repetições das quebras dos relacionamentos. Cam é o responsável por quebrar o relacionamento com o próximo ao ver “a nudez do pai” (9:22), essa quebra fica mais evidente quando Noé amaldiçoa seu neto (9:25), o relacionamento com Deus é rompido quando Noé se embriaga (9:21), pois aqui Noé vai contra os preceitos de Deus. O domínio da natureza é perdido na maldição de Canaã, ele seria servo de seus tios enquanto Jafé seria engrandecido. O texto hebraico sugere que as terras de Jafé seriam alargadas enquanto Canaã não teria terras,<sup>11</sup> perdendo assim o domínio sobre a natureza.

A história de Gn 6 tem um paralelo direto com Babel, e assim como lá as quebras desses relacionamentos se intensificam aqui. A construção da cidade e da torre se deu por afronta a Deus e desse modo o homem estava acentuando a sua separação do Pai. Sendo assim, “mais uma vez [...] a humanidade falhou em guardar um relacionamento de aliança com Deus” (ARCHER JR., 2012, p. 249). A união do povo para fazer o que é errado interrompe um relacionamento saudável e passa a exercer uma influência compartilhada para o mal, assim o relacionamento que foi quebrado por Cam é ampliado pela humanidade. O fato de Ninrode ter sido um caçador tirano e cruel, caçando e matando animais (10:9), nos revela maior intensidade na ruptura do domínio sobre a natureza.

Aqui, como nos antediluvianos, a imagem de Deus estava se perdendo por completo, a humanidade por vontade própria se esquecia de seu Criador. A intervenção divina se fez necessária antes do dilúvio e de igual modo se faz em Babel. Esses elementos expressam o provável contexto em que viviam os antediluvianos; um povo mal que voltava para os pecados de seus antepassados, liderados por um déspota que ousadamente desafiava a Deus. Tendo isso em mente fica mais fácil entendermos quais os preceitos dos babelitas ao se unirem para construir a cidade e a torre, por isso a partir de agora veremos quais os prováveis pecados praticados pelos moradores de Sinar.

## OS PECADOS DE BABEL

Nesta seção iremos nos deter a uma análise sobre os possíveis motivos que levaram o povo a se reunir em Sinar, e o que os motivou na construção de uma torre. Verificaremos ainda alguns termos e conceitos da perícopes para sugerirmos os possíveis pecados de Babel.

## O DISTANCIAMENTO DE DEUS

A perícopes inicia mostrando que o povo migrou “do oriente” (11:2) (קָדָם - gerem), o que segundo Mathews apud Hughes (2004), indica problemas, porque em Gênesis quando se fala “a leste” ou “do oriente” está se fazendo uma referência a um distanciamento de Deus. Percebemos que isso é verídico ao observar as demais ocorrências dessa palavra no restante de Gênesis, como por exemplo: quando Adão e Eva foram expulsos do jardim, querubins guardavam entrada no “oriente do jardim do Éden” (3:24); após Caim matar Abel e receber o sinal, ele partiu para uma terra ao “oriente” (4:16); quando Ló deixou Abraão, ele viajou “para o leste”, onde se encontrou com o desastre em Sodoma e Gomorra (13: 10-12). Assim, podemos entender que, neste ponto da história de Babel, quando autor ressalta que as pessoas migraram do oriente, ele não está simplesmente indicando uma direção, mas sim o afastamento de Deus, a apostasia.

11 Em Gn 9:27 é dito: כָּנַעַן עֶבֶד לְמֹוֹ יָפֶת בְּנֵי שֵׁם וְיִשְׁשָׁכָר וְיִשְׁשָׁכָר וְיִשְׁשָׁכָר לְפֶת אֱלֹהִים לְפֶת יִשְׁשָׁכָר וְיִשְׁשָׁכָר וְיִשְׁשָׁכָר (kena'an ebed lamow yapt ê-lô-him leyepet weyiškôn ba'âholê-sêm wihî) Literalmente: “faça alargo Deus para Jafé e sente-se com a tenda de Sem e seja Canaã servo pertencendo a eles.”



O autor bíblico cuidadosamente começa a marcar qual a situação espiritual da humanidade nesses dias, essa primeira expressão está no começo da narrativa e já nos indica qual é o tom da história. White (2007), comentando como se deu essa migração, sugere que logo após o dilúvio havia alguns dentre os descendentes de Noé que ainda adoravam a Deus, e outros que desejavam esquecer-se de seu Criador e lançar de si as restrições de Sua ordem, sentiam um incômodo constante pelo ensino e exemplos de seus companheiros tementes a Deus. Depois de algum tempo esses que se chatearam resolveram separar-se dos adoradores de Deus e para isso viajaram para a planície de Sinar.

Por sua própria vontade a humanidade escolheu se afastar de Deus, saiu do oriente a fim de “sair” da presença do Criador. Os construtores buscavam unir-se para que juntos se “separassem” de Deus. A jornada iniciou a fim de afastarem-se do Pai, então é pouco provável que a chegada deles em Sinar mude as intenções que tinham no coração. Eles agora apostatados se reúnem em Babel, e passam a ter uma coragem adquirida por meio da união para fazer coisas que antes lhes eram proibidas (CHAMPLIN, 2001). A união os levou a realizarem feitos desagradáveis a Deus, tais feitos e o que eles significam é o que veremos daqui por diante.

## A PREPOTÊNCIA

Ao chegarem em Sinar os primeiros habitantes decidem edificar uma cidade e junto dela uma torre<sup>12</sup>. É natural que fizessem a cidade, pois essa é a ação primária de um povo ao habitar em uma terra, além do mais não foram os primeiros a projetar e edificar uma cidade<sup>13</sup>, mas o que os estimulou a construir uma torre? A torre talvez tenha sido construída com o fim de se prevenirem contra outro dilúvio (FRANCISCO, 1990).

Não era natural que se edificasse uma torre, a cidade por sua vez era fundamental para habitação e proteção, dividir recursos preciosos por um simples luxo não seria inteligente e provavelmente não seria a tomada de decisão de um grande líder como Ninrode, a menos que a torre fosse extremamente necessária para proteção dele e a do povo.

Decididos a construir, analisam agora o melhor material a ser usado; convictos, os construtores decidem usar “betume de argamassa” (11: 3). Ryken, Wilhoit e Longman III (1998) dizem que o betume não chega a ser uma argamassa adequada, e que usá-lo é uma falha vital no projeto. Será que o uso do betume como argamassa foi realmente um equívoco ou foi algo intencional?

Neste caso, palavra hebraica usada para betume é חָמָר (hamār), que é sinônima da palavra כֹּפֶר (kōfer), usada para descrever o betume utilizado para vedar a arca durante o dilúvio (6:14), notamos aí uma tentativa de copiar o material usado na construção da arca, pois ambos os termos se referem ao mesmo produto. Mitchell apud VanGemeren (2011b, p. 709) diz “firmemente que koper, zepet e hemar também seriam mais bem traduzidos como betume. As três palavras parecem ter origem diferente, de tal forma que parece razoável concluir que elas se referem à mesma substância básica que é encontrada na natureza.” Apesar de usar nomes diferentes nas narrativas, a substância a que esses nomes se referem é a mesma (o zepet mencionado por Mitchell é outra palavra hebraica para betume. Como em Is 34:9). Talvez em Gn 11:1-9 o autor preferira usar hemar, dentre as três palavras possíveis, por conta da construção literária muito bem elaborada nessa perícopes, ao usar hemar o autor constrói uma das três paronomásias presente no texto em questão, a paronomásia é entre hemar e homer (argamassa) (FOKKELMAN, 2004).

<sup>12</sup> Esse tipo de arquitetura se tornou comum na planície depois de Babel, as descobertas nos mostram, por exemplo, o *ziggurat* de Ur chamado “o monte do céu” (ARCHER JR., 2012), também o templo de Etemenanki que possuía a estrutura mais surpreendente da Babilônia juntamente com o templo de Marduk chamado de Esagila. Esses *ziggurats* provavelmente seguiam a estrutura usada em Babel (LUCAS, 2005).

<sup>13</sup> A primeira cidade a ser edificada e registrada na Bíblia é Enoque (Gn 4:17), edificada por Caim, que por sinal havia acabado de afastar de Deus no caminho do oriente.

O mais importante é que o uso de betume é uma falha de infraestrutura que, creio eu, os construtores que visavam tanto sucesso não admitiriam, a não ser que o betume tivesse outra função além de argamassa. Devemos lembrar ainda que **חֶמָר** (hemar) “Trata-se claramente de um selante e repelente de água” (VANGEMEREN, 2011b, p. 709). Por exemplo, o cesto de Moisés é calafetado com betume (**חֶמָר** - hemar) (Ex 2:3) para que a água do rio não entrasse o cestinho de junco. Walton (2003) também constata o uso de betume nos prédios babilônicos a fim de se evitar a entrada de água na construção, ainda enfatiza que usar esse material era um trabalho exaustivo. Com isso, além de o betume não ser a melhor argamassa, também demandava trabalho árduo. Então se o construtor opta por esse tipo de matéria com certeza é pelo fato de os benefícios atenderem às suas necessidades e superarem os ônus consequentes do uso.

Isso nos mostra que os construtores temiam a entrada de água na torre, e temiam tanto a ponto de arriscarem usar uma argamassa ruim com a prerrogativa de que os protegeria na ocasião de um novo dilúvio, pois o **חֶמָר** (hemar) não lhe era simplesmente argamassa, mas também impermeabilizante.

Isso, junto ao fato de que a torre estava sendo construída juntamente com a cidade (e não depois, o que seria o natural), juntamente com a escolha de dividir recursos e mão de obra numa construção tão extenuante, pode nos indicar que ela serviria, entre outras coisas, para abrigar os moradores daquela cidade em caso de uma nova inundação, assim estariam protegidos mesmo durante a construção da cidade.

O que acontece é que os moradores da planície de Sinar não criam no concerto de Deus de que não mais traria um dilúvio sobre a Terra (9:11), pelo contrário, ergueram-se em rebelião contra Deus (WHITE, 2007). Assim, um dos objetivos por trás da construção da torre era garantir sua segurança no caso de outro dilúvio, os construtores criam que por seus esforços estariam fora de toda probabilidade de perigo, e não importaria mais os juízos de Deus sobre eles (DORNELES, 2011). Fica claro que todos se reuniram ali e construíram “movidos pelo medo de outro dilúvio, embora Deus tivesse dado garantias do contrário” (MEYER, 1993, p. 17)<sup>14</sup>.

Deste modo os babelitas reconhecem que estavam voltando a praticar os mesmos atos dos antediluvianos, pois achavam que receberiam uma sentença semelhante a deles. É evidente o motivo pelo qual temiam um novo dilúvio, justamente porque reconheciam que era a única coisa que mereciam, o povo sabia que estava voltando às condições malignas dos filhos dos homens, mas pareciam não se importar com isso, preferiam por esforço próprio se protegerem a se arrependerem e voltar a Deus<sup>15</sup>.

A essa altura podemos observar claramente a prepotência da humanidade, pois se julgava capaz de ignorar o juízo divino, mais claro ainda sua falsa autossuficiência, pois pensava ser capaz de se proteger sem Deus e de Deus, a humanidade unida se distanciava cada vez mais do ideal divino e se aproximava de seus preceitos banais, aos poucos o pecado crescia no meio deles a ponto de não só ignorarem a Deus, mas também de se considerarem capazes de subjugar-Lo.

## O AUTOENDEUSAMENTO

Uma cena grave e que aumenta a nossa percepção da maldade do povo de Babel é o fato de a humanidade ter se engrandecido ao ponto a tentar ocupar o lugar de Deus, afinal foi pensando que

14 A serpente mais uma vez engana a humanidade distorcendo as palavras de Deus, no Éden Deus disse que se caso o homem e a mulher comessem do fruto morreriam, Satanás os convenceu que não morreriam (Gn 3:4). Depois do dilúvio Deus disse que não iria destruir a terra com as águas do dilúvio novamente e Satanás mais uma vez convence a humanidade do contrário, dizendo que Deus mataria a todos. O grande conflito está por toda a bíblia, Satanás é a mente por trás de toda revolta a Deus, em Babel isso não é diferente.

15 Nessa atitude os babelitas se assemelham muito a Caim, pois ele também tentou resolver os problemas com seu irmão por conta própria, abandonou aos conselhos de Deus. Após ter sido rejeitado, juntamente com sua oferta, não se arrependeu e não voltou para Deus. Depois, muito provavelmente, continuou em seu caminho de maldade, a ponto de sua descendência ser chamada “filhos dos homens”.

o céu era a Sua morada que se construiu a torre<sup>16</sup> (SARNA apud HUGHES, 2004). O escritor bíblico deixa essas intenções bem claras ao revelar que o objetivo da torre era fazer com que “o tope chegue até os céus” (Gn 11:4)<sup>17</sup> Com isso entendemos que a construção da torre pode ser um assalto ao céu, uma tentativa de “autodivinização” (CLINES, 1997). Souza (2014, p. 96-97) diz que há uma simetria na narrativa, na qual as pessoas tentam um movimento para cima, da terra para o céu, Deus empreende uma ação inversa, movendo-se de cima para baixo, do céu para terra. Assim, “A simetria da história, que retrata YHWH como descendo do céu, requer que os construtores sejam entendidos como se movendo em direção ao alto, para o céu”.

Ryken, Wilhoit e Longman III (1998) demonstram que podemos interpretar esse objetivo como uma tentativa insana de alcançar o paraíso por esforços humanos. Essa era sem dúvida uma tentativa humana de se juntar a Deus ou de substituí-Lo, sendo a segunda claramente mais provável (HUGHES, 2004). White (2008) também diz que, em seu íntimo, os construtores almejavam honras e buscavam ser igual a um deus. Os babelitas cresceram gradativamente em maldade a ponto de se acharem capazes de roubar o lugar de Deus e subjugar-Lo.

Esse tipo de pensamento não teve início e nem fim em Babel, essa é uma ideologia que estava presente na mente do próprio Lúcifer, pois ele buscava em seu coração, assim como os babelitas, alcançar as nuvens e ser como o Altíssimo (Is 14:13-14)<sup>18</sup>. DeClaissé-Walford (2006) ainda nos lembra de Eva, que sob influência da serpente comeu do fruto do conhecimento do bem e do mal imaginando que assim seria “como Deus” (Gn 3:5). Os moradores de Sinar estavam apenas reproduzindo de maneira inconsciente o pecado original, e, assim como Eva, estavam sendo influenciados pela serpente.

Após Babel, o anseio por ser uma divindade se tornou comum entre os grandes líderes da terra, esse desejo persistiu por muito tempo e está em nosso meio até hoje. Hughes (2004) nos lembra que na própria Babilônia, séculos depois do fiasco em Babel, Nabucodonosor caminhou até as muralhas de seu palácio real e declarou: “Não é esta a grande Babilônia que eu tenho construída pelo meu grande poder como uma residência real e para a glória da minha majestade?” (Dn 4:30)<sup>19</sup>.

Brown, Fitzmyer e Murphy (2007) entendem as afrontas de Babel como um exemplo da desobediência humana, pois é uma clara recusa em aceitar seu lugar como humano em um universo sobre a direção de Deus, e assim se colocam como divindade. O objetivo era fazer com que a torre passasse as nuvens, mas foram os seus pecados que começaram a se acumular até os céus (KINDNER, 1979).

16 “Vários povos antigos imaginavam que o lar dos deuses, ou de Deus, ficava acima da terra, mas não muito distante dela” (CHAMPLIN, 2001, p. 95). Um exemplo é a mitologia grega, que acreditava que o Olimpo, morada dos deuses, se localizava no alto de um grande monte, acima das nuvens.

17 Não existe o verbo “chegue” ou “toque” no texto hebraico, há sim a preposição **בְּ** (*Be*), que pode ser traduzida como “com”, “em”, ou ainda “por” (MENDES, 2011). O texto diz: “וַיִּבְנוּ בָּבֶל וְרֵאשִׁיתָּהּ כְּשֵׂם יְמִינָהּ” (*werōšōw baššāmāyim ūmigdāl*) literalmente “e uma torre e a cabeça dela com os céus”, assim podemos entender que os construtores buscavam colocar o topo da torre com o céu. O objetivo não era de simplesmente alcançar o céu, como uma referência somente a altura, mas de se estar junto dele, com ele, de habitar nele. Eles não queriam simplesmente “chegar no céu”, mas “estar com o céu”. Além do fato de que se o narrador quisesse fazer a afirmação de que uma torre é alta, ele tem à disposição palavras como **גְּדוֹהָהּ** (*gadōhah*) ou **רָב** (*rav*) (FOKKELMAN, 2004).

18 O texto de Is 14 contém uma descrição do poder babilônico e seu destino, sendo o rei da babilônia interpretado como um tipo satânico (RIDDERBOS, 1986), entendemos então o rei “não apenas como inimigo histórico de Israel, mas como poder maligno trabalhando contra Deus e Seu povo” (PAROSCHI, 2016, p. 21). A partir do verso 12 até, pelo menos, o verso 14, Isaías narra a investida do poderio babilônico contra Deus, não sendo satanás o sujeito imediato desse texto, mas este é tipificado (WALKER; MARTENS, 2005) Ao observar o verso 13 é possível notar uma certa semelhança com Gn 11:4, que inclusive relata o início da Babilônia (Babel). Tal semelhança é vista nos sentidos empregados nos textos e não exatamente nas palavras usadas, que, com exceção do substantivo **שָׁמַיִם** (*šāmāyim* - céu) e do verbo **דָּבַר** (*mr* - dizer), não se repetem. Ao comparar os textos observa-se que ambas sentenças narram uma fala de orgulhosos: “E disseram” (Gn); “Tu dizias no teu coração” (Is). Também que nos dois textos há a intenção de chegar ao céu: “cujo tope chegue até aos céus” (Gn); “Eu subirei ao céu” (Is). Ainda é possível notar uma clara intenção soberba e de autoexaltação dos locutores: “tornemos célebre o nosso nome” (Gn); “exaltarei o meu trono” (Is). Incluem-se a estas a imagem de julgamento e a sentença de humilhação do soberbo (Gn 11:9 e Is 14:15). Contudo para afirmar que tais semelhanças são realmente uma referência ou alusão de Is 14 a Gn 11, ou ainda que Isaías usa a linguagem de Gênesis para descrever ao rei e a Babilônia é preciso aprofundar a análise de ambos os textos. Aqui apenas pontuo que tais semelhança existem e, portanto, estreitam a similaridade do pecado de Babel com o cometido por Satanás.

19 Vemos esses conceitos presentes ainda milhares de anos depois, quando o rei Herodes, decorado em traje real, dirigiu-se ao povo e eles gritaram: “A voz de um deus, e não de um homem!” (At 12:22) Outro exemplo são os Faraós, que se consideravam mediadores entre deuses e homens e ainda representavam os homens junto dos deuses e os deuses junto dos homens, eram ainda o exemplar do deus criador na terra e representava o papel deste ao estabelecer ordem em meio ao caos, eram a imagem dos deuses. Pinturas antigas representavam os faraós em pé de igualdade com os deuses como se também fossem um deles (NETTO, [s.d.] a).

## A VÃ GLÓRIA DO EU

Outro escopo humano com a construção da torre é expresso no v. 4 “façamo-nos um nome, para que não sejamos espalhados por toda face da terra”. A construção da torre é um clássico exemplo da luta da humanidade por renome, a torre é uma imagem da aspiração humana e do orgulho, acompanhada por um espírito de ostentação (RYKEN; WILHOIT; LONGMAN III, 1998). Hamilton (2007) aponta essa ambição por renome como sendo o pecado cometido pelo povo e, por sua vez, foi o que atraiu o juízo de Deus até eles. Souza (2014) também vê essa sentença como uma narrativa do pecado dos babelistas. Hoff (1995) diz que a exaltação pessoal e o culto ao poder presentes nessa perícope foi que posteriormente caracterizou a babilônia.

A sentença “façamo-nos um nome” demonstra uma usurpação das prerrogativas divinas por parte dos moradores de Sinar. Podemos notar isso ao perceber que no AT quando substantivo “nome” é empregado com o verbo “fazer” (פָּעַל - ‘sh) o agente é Deus fazendo um nome para ele mesmo (Ne 9:10; Is 63:12, 14; Jr 32:20; Dn 9:15), para o rei (2 Sm 7: 9) ou para Israel (2 Sm 7:23. Este usa o verbo פָּעַל, sūm, mas mantém o conceito de que é Deus quem concede o nome) (WESTERMANN, 1994). No capítulo 12, com Abraão, fica evidente que é Deus quem pode engrandecer um nome. “Portanto, que os edificadores da torre estavam ávidos por fazer um ‘nome’ atesta sua atitude desafiadora e desejo de afronta a YHWH” (SOUZA, 2014, p. 89). Assim vemos que os construtores estavam eliminando Deus de seus planos e, além de apoderarem-se de uma prerrogativa divina, ao buscarem renome, eles esqueciam de Deus e de que é Ele quem engrandece a quem quer (HOFF, 1995).

A tentativa de conquista de um nome revela outra característica negativa dos babelitas, pois, como ressalta Hughes (2004), a única menção anterior de conquista de renome está em Gn 6:4<sup>20</sup>. Nesse verso os Nefilins são chamados de homens de renomes (הַשֵּׁמִים - hašêm). Essa é mais uma das referências que o autor faz entre essas duas histórias paralelas. Sabemos quão grande era a maldade dos Nefilins e qual foi o julgamento de Deus para eles, e agora o autor remete a esse povo antediluviano mais uma vez ao descrever o povo de Babel, mostrando assim a regressão da humanidade para os pecados que outrora os levaram à destruição diluviana. Portanto “é razoável supor que šêm nesta passagem transmita uma conotação negativa que, em virtude do contexto, está associada com a arrogância” (SOUZA, 2014, p. 89).

Lentamente a humanidade se perdia nos pecados dos antediluvianos. Deus já havia dado uma chance para essa humanidade por meio de Noé, mas eles insistiam em se afastar de Deus. Como agiria então Deus? De maneira semelhante a anterior? Será que Babel já estava no tope de maldade ou algo mais fariam para se oporem a Deus? Mesmo já imersos em maldade os pecados de Babel não acabaram.

## A IDOLATRIA

Talvez um último motivo que tenha levado à construção seja o fato de que a torre pode ter sido um ziggurat<sup>21</sup>, um templo erguido a deuses pagãos<sup>22</sup>. Isso é totalmente possível, mas teremos que utilizar fontes extrabíblicas para entender isso.

As cidades sumérias e babilônicas se caracterizavam pelas suas torres altaneiras, onde no topo delas erguiam-se um templo em homenagem à divindade local (DATTLER, 1984). Essa se tornou

20 Ao longo da história das origens o vocábulo **שֵׁם** aparece 32 vezes. Dessas, 17 são no sentido de antropônimo ou denominação, 13 como nome próprio de Sem, filho de Noé, as 2 ocorrências restantes têm o sentido de glória, renome ou fama. Essas últimas ocorrem justamente em 6:4 e 11:4, o que estreita ainda mais o paralelo dessas duas narrativas.

21 *Ziggurat* eram construções comuns na mesopotâmia que consistiam em templos escalonados dedicados a deuses, esse nome pode significar “colina do céu” ou “montanha de deuses” (GUSSO, 2011).

22 Há uma controvérsia quanto ao propósito da torre, alguns estudiosos sugerem que se trata de uma fortificação defensiva, e outros propõem que a torre é um *Ziggurat*, contudo não é finalidade desse artigo abordar tal debate, embora assumimos que a torre era sim um *Ziggurat*. Para mais detalhes ver Souza (2014, p. 90 – 95).

uma atividade comum na região de Sinar logo após a dispersão das línguas, a arqueologia descobriu dezenas de ziggurats no território da Babilônia, como por exemplo “o monte do céu”, erguido em homenagem a deusa Lua (ARCHER JR., 2012). Para Gusso (2011) é bem provável que a torre de Babel tenha alguma ligação com esses ziggurats da Babilônia<sup>23</sup>.

Parece bem plausível que as torres erguidas a ídolos ao longo de toda história na realidade sejam um eco ressoando a matriz original em Babel, ainda mais quando existem cerca de sessenta tradições relacionando à construção de uma torre com a divisão da língua<sup>24</sup> (HARTMANN, 1999). As pirâmides escalonadas espalhadas por todo o globo, construídas por culturas tão diferentes só têm uma explicação, uma origem comum. Provavelmente ancestrais desses povos estavam reunidos no planejamento e na construção da torre original.

Ademais a construção de ziggurats era motivo de orgulho para os reis da Mesopotâmia, eles não mediam esforços para construção de tal edifício.

Os reis da Mesopotâmia muitas vezes se orgulhavam de construir ziggurats, [...]. O uso de tijolos cozidos e betumes também nos diz que o migdal [torre] em nosso texto era um zigurat [...], pois o tijolo assado e o betume eram muito caros na Mesopotâmia e, portanto, foram guardados para arquitetura luxuosa, como palácios, templos e ziggurats (SEELY, 2001, p. 18, tradução nossa)<sup>25</sup>.

Na tradição do Targum, McNamara, Cathcart e Maher (1987) deixam claro que os planos para torre em Babel eram de se colocar, no topo, uma estátua com uma espada na mão. Poderia essa estátua caracterizar um deus pagão que surgiu na mente rebelde dos homens? White (2007) também nos sugere a possibilidade de a torre ter sido usada para cultos a ídolos de prata e ouro antes mesmo do fim da obra.

Por mais que seja provável que a torre de Babel tenha sido um zigurat essa não parece ter sido a intenção principal de sua construção, ela foi erguida para culto a um deus pagão criado na mente dos babelitas e para afrontar ao Deus verdadeiro. Afrontar a Deus engloba todos os demais objetivos e se torna o maior deles. Existe sim a possibilidade de ela ter sido erguida como um templo para idolatria, sendo assim um ultraje ao Deus criador.

Não foram um ou dois desses motivos citados anteriormente que levaram à construção da torre, mas sim todos, uma mistura terrível de apostasia, autossuficiência, blasfêmia, afronta e idolatria que retratam a horrenda condição pecaminosa em que mais uma vez se encontra o povo que outrora fora escolhido por Deus. Em tão pouco tempo os descendentes de Noé, homem justo diante de Deus, já estavam completamente rebelados contra seu Salvador.

Ofenderam a Deus, construíram a torre em desafio a Ele, fizeram dela um templo como um agravo ao Deus que livrou seus pais do dilúvio, como pode Deus agir em favor de um povo desse?

23 A tradição de construir torres se espalhou por todo Egito, ali foram erguidas grandes pirâmides com milhões de blocos de calcário, como por exemplo a grande pirâmide do faraó Quéops (PRINCE, 2006). As pirâmides egípcias além de serem túmulos se caracterizavam pelos templos construídos no seu interior onde se faziam cultos aos deuses, como aconteceu em Tebas no período do Império Novo com cultos a Amon (NETTO, [s.d] b). Além do Egito outras regiões adotaram essa prática de construção de torre aos deuses, como acontece na sociedade Maia. Alguns podem alegar que as pirâmides mais famosas e conhecidas hoje não têm o mesmo formato dos ziggurat babilônico e assim não podem ter a mesma origem, contudo as primeiras pirâmides egípcias usadas pelos faraós da II e III dinastia eram feitas em formato escalonado, assim como as pirâmides babilônicas e depois foram aprimoradas para as pirâmides conhecidas hoje. Um exemplo é a pirâmide de Saqqara e a pirâmide escalonada de Dzozer. Essas construções também eram usadas em cerimônias, rituais e cultos (DOBERSTEIN, 2010). É provável que a construção dessas pirâmides tenha sido influenciada pela construção em Sinar, uma vez que esses povos se originam de Babel ou derivam de um povo originado lá.

24 Essas tradições estão espalhadas por todo o globo, mas principalmente na América Central, África e Europa. Como por exemplo a lenda dos índios tsimshian no Canadá, e a lenda dos akwapim, em Gana, África Ocidental (STEIN, 2005), Lucas (2005) também cita o épico enmerkar e o senhor aratta como uma tradição babilônica quanto a torre e a divisão das línguas.

25 Walton (2003) diz que usar o betume e esse tipo de tijolo, além de se tratar de um processo dispendioso, é igualmente extenuante e demorado, portanto, esse material só era usado nos prédios mais importantes.



Olhando tudo que foi mencionado podemos observar que os babelitas estavam se opondo a Deus, os homens criados se oponham ao Deus criador, contudo para esses mesmos homens o mesmo Deus se revela como um Salvador.

## A GRAÇA DIVINA

Ao olharmos o panorama apresentado até aqui enxergamos um povo mau em rebelião contra Deus, levando uma vida de pecado e maldade e assim voltava para vida que os homens tinham antes do dilúvio. Talvez fique difícil perceber como a graça divina pode existir para um povo como esse. Lasor, Hubbard e Bush (1999, p. 33) afirmam que no livro de Gênesis até então a graça estava presente, e em toda a história das origens a graça de Deus aparecia junto de seus julgamentos e ao longo deles, com exceção de Babel. Ali, segundo eles, o relato da “graça sustentadora de Deus é emudecido”. Childs (1979) também afirma que não há nenhuma palavra que fale da graça em Babel. Von Rad (2006), à semelhança de Lasor, Hubbard, Bush e de Childs, argumenta que a graça em Babel é ausente. Ele diz:

em cada juízo se revelava simultaneamente uma vontade de Deus querendo salvar; à medida que crescia o poder do pecado, o poder da graça se tornava ainda maior. Em um ponto, porém, falta esta preservação pela graça, falta esse acompanhamento, em que Deus caminha ao lado dos punidos: a história da construção da torre termina sem que a graça seja acionada (VON RAD, 2006, p. 161).

É possível notar uma similaridade na interpretação de diversos estudiosos. Clines (1997, p. 70, tradução livre) falando sobre a história das origens demonstra compartilhar da concepção dos demais autores citados acima, ele diz:

essas são também histórias de graça divina: Deus não só castiga Adão e Eva, mas também retém a ameaça de pena de morte; ele não só expulsa Caim, mas também coloca sua marca de proteção sobre ele; não só envia o dilúvio, mas guarda a raça humana viva na preservação de Noé e sua família. Somente no caso da narrativa de Babel, parece que o elemento de “graça” está faltando<sup>26</sup>.

Há ainda aqueles que veem nessa história o agir punitivo de Deus ao empregar “um castigo imposto ao orgulho humano” (A BÍBLIA, 2006, p. 31).

Contudo, se a graça mais que tudo é fundamental para as criaturas (KINDNER, 1979) e é um presente vindo de Deus, como pode Ele privar as criaturas de Babel de tal presente e não lhes dar o seu amor? Onde entra o amor de Deus pelo pecador no pensamento desses autores? Talvez a história não seja como esses pensavam e podemos sim ver a graça de Deus em Gn 11.

Antes de vermos se realmente existe um ato de graça em Babel precisamos estudar a estrutura da narrativa dessa história, pois ela nos ajudará a identificar elementos-chaves para compreensão da mesma.

26 Posteriormente Clines volta a abordar o tema da graça em Babel, contudo não afirma que esse é um relato onde a graça divina está presente, antes diz que “[...] o autor final da história primária entende que a dispersão das nações pode ser avaliada de forma positiva (como no capítulo 10) e negativamente (como no capítulo 11)” (1997, p. 74, tradução nossa), assim atribui a graça ao relato prévio da dispersão no capítulo 10 e o julgamento ao do capítulo 11. Apesar de dizer que existe graça na dispersão, diz que há apenas no relato das tabelas das nações (10:1-32) e não em Babel (11:1-9).

## A ESTRUTURA DA PERÍCOPE<sup>27</sup>

Podemos dividir a perícopa (Gn 11:1-9) da seguinte forma: v. 1-4 descreve os pecados de Babel, no v. 5 há a primeira descida de Deus para investigar a construção, juízo investigativo. No v. 6 há uma audiência do concelho divino, já no v. 7 Deus desce uma segunda vez, agora para fazer valer a sentença dada a Babel, juízo executivo. Por fim os v. 8-9 demonstram os desdobramentos e as consequências da sentença (SOUZA, 2014).

Fato é que os textos de Gênesis sempre são bem escritos, contudo a construção literária nessa pequena narrativa supera as demais<sup>28</sup>, sendo uma incrível obra e um exemplo da arte literária hebraica. É possível notar nessa narrativa, além de paronomásia, aliteração e assonância, uma simetria dupla, que “são apenas alguns dos artifícios usados para unificar e acentuar a mensagem do conto.” (WENHAM, 1987, p. 234, tradução nossa). Sendo que “A organização de uma obra literária contribui e faz parte integrante do significado dessa obra” (DORSEY, 2004, p. 17, tradução nossa), para melhor entendermos a mensagem da perícopa em questão, iremos analisar a dupla estrutura presente nela. Muilenburg (1969, p. 9, tradução nossa) afirma que a estrutura tem “uma consequência considerável, não só para uma compreensão de como o gênero está sendo formado e projetado, porém, em especial, para uma compreensão da intenção do escritor”. Isso posto, fica evidente a importância de analisar a relação entre a estrutura e a mensagem em Gn 11:1-9.

Bar-Efrat (1989) observa que essa notável história se divide em dois atos, sendo o primeiro com os homens e o segundo com Senhor. A primeira estrutura na qual podemos ver claramente essas metades é uma simetria progressiva.

- A. “uma língua e uma só fala” (v. 1)
- B. “Vinde” (v. 3)
- C. “edifiquemos para nós uma cidade” (v. 4)
- D. “Tornemos célebres o nosso nome” (v. 4)
- E. “não sejamos espalhados sobre a face da terra” (v. 4)
  
- A' “um só povo e uma só língua” (v. 6)
- B'. “Vinde” (v. 3)
- C'. “pararam de edificar a cidade” (v. 8) E' – “o Senhor os espalhou sobre a face da terra” (v. 8)
- D'. “Seu nome Babel” (v. 9)
- E'. “o Senhor os espalhou sobre a face da terra” (v. 9)<sup>29</sup>.

27 A perícopa em questão tem os limites bem definidos pela expressão **כָּל הָאָרֶץ** (*kāl hā'āres*) que aparece no início do verso 1 e no fim do verso 9, formando assim um inclusio.

28 Em apenas 121 palavras o autor constrói uma história que “ocupa uma posição especial na arte narrativa do AT pela densidade de seus fenômenos fonológicos estilisticamente relevantes que estão intimamente relacionados ou coincidem com repetições verbais notáveis. O grau de densidade é muito maior do que o usual para a prosa narrativa e só é igual, e raramente superado, na poesia lírica hebraica” (FOKKELMAN, 2004, p. 13, tradução nossa). A presente pesquisa não pretende ser exaustiva quanto a riqueza literária dessa perícopa, cita apenas pontos que são relevantes para a temática abordada. Para uma exposição mais detalhada e abrangente da arte literária presente em Gn 11:1 – 9 sugere-se a obra de Fokkelman (2004).

29

(v. 1) **שָׁפָה אֶחָד וְדַבָּרִים אֶחָדִים** (*sapah 'ehat udebarim 'ahadim*):A

(v. 3) **הִבְהֵה** (*habah*):B

(v. 4) **נִבְנְהָה** (*nibneh*):C

(v. 4) **נִבְנְהָה לָנוּ שֵׁם** (*vena'aseh-lanu sêm*):D

(v. 4) **פָּרְצֵנוּ עַל־פְּנֵי כָל הָאָרֶץ** (*pen-napus 'al-penê kal-ha'ares*):E

(v. 6) **עַם אֶחָד וְשָׂפָה אֶחָד** (*'am 'ehad vesapah 'ehat*):A'

(v. 7) **הִבְהֵה** (*habah*):B'

(v. 8) **וַיַּצֵּל יְהוָה אֶת־מִסָּם עַל־פְּנֵי כָל הָאָרֶץ** (*vayyapes Yahweh 'otam missam 'al-penê kal-ha'ares*) - E' (v. 8) **וַיַּצֵּל יְהוָה לְבָנֹת** (*vayyahdelu libnot*):C'

Espera-se que uma simetria progressiva contenha semelhanças entre os versos paralelos, contudo, nesse caso, o contraste parece ser mais nítido, mais intrusivo que a similaridade (FOKKELMAN, 2004). Há sim um contraste, mais evidente em C - C' e E - E', dos atos e preceitos humanos. No entanto, é possível notar que essa simetria revela uma semelhança entre o pecado e a sentença dada. Em A - A' há a declaração e confirmação da união, em B - B' há uma comparação e uma contrastação entre as pretensões humanas e as divinas, já C - C' demonstram a similaridade entre o pecado (união e construção ilícita) e a sentença (dispersão e fim da construção), em D - D' repete a similaridade entre pecado (vanglória) e a sentença (humilhação) pois o nome que queriam exaltar é envergonhado<sup>30</sup>, por fim em E - E' o pecado (união e desobediência) tem a uma sentença digna (separação).

A partir disso, fica evidente a falta de arbitrariedade na sentença divina aos pecados humanos, pois há uma correspondência entre eles. Por tanto, quanto ao julgamento divino, essa estrutura revela a justiça.

A segunda e mais evidente simetria é concêntrica<sup>31</sup>, o versículo cinco se encontra no centro dessa estrutura. Hughes (2004, p. 168, tradução nossa) explica como funciona esse recurso retórico:

A estrutura literária desse conto é outro exemplo de uma perfeita história equilibrada, na qual a segunda metade é um espelho – uma imagem invertida da primeira metade – um quiasma. A dobradiça central da história está no versículo 5, no qual o Senhor desce “para ver a cidade e a torre que os filhos dos homens tinham construído.” A partir daí a história torna-se uma inversão de ponto-para-ponto da primeira metade.

Podemos observar essa estrutura comparando os versículos:

- A. “Em toda terra havia uma só linguagem” (v. 1)
- B. “e habitou ali” (v. 2)
- C. “disseram um ao outro” (v. 3a)
- D. “vinde, façamos tijolos” (v. 3b)
- E. “Disseram:” (v. 4a)
- F. “uma cidade e uma torre” (v. 4b)
- G. “Desceu Senhor para ver” (v. 5a)
- F'. “a cidade e a torre” (v. 5b)
- E'. “e o Senhor disse:” (v. 6)
- D'. “Vinde desçamos e confundamos” (v. 7a)
- C'. “não entenda a linguagem um do outro” (v. 7b)
- B'. “dispersou dali” (v. 8)
- A'. “Confundiu o Senhor a linguagem de toda a terra” (v. 9).<sup>32</sup>

(v. 9) שְׁמַחַבֵּל (shemah babel) :D'

(v. 9) הִפְסַם יְהוָה אֶל־פִּינִי כִּלְהִיטָא (hep'sam Yahweh 'al-penê kal-ha'ares) :E'

30 No verso 9 o autor ironiza ao dizer que o nome da cidade (בְּבֵל - *bābel*) é produto da confusão (בְּלָל - *bālal*) que o Senhor causou, deste modo “Por um jogo de palavras, o hebraico liga o nome da cidade, Babel, com o verbo heb. balal, ‘confundir’” (DORNELES, 2011, p. 279), demonstrando assim qual a fama que os construtores alcançaram.

31 Além de Hughes (2004) essa estrutura concêntrica é proposta também por Fokkerman (2004), Wenham (1987), Mathews (1996) e Bar-Efrat (1989).

(v. 1) כָּל־הָאָרֶץ שָׁפָה (kal-ha'ares saph) :A

(v. 2) שָׁם נִיבְנוּ (sam vayyeshebu) :B

(v. 3a) וַיִּתְּבוּ אִישׁ אֶל־אִישׁוֹ (vayyo'meru ish) :C

(v. 3b) לְבִנְיֵם הָבָה נִלְבְּנָה (lebênim habah nilbenah) :D

Esse esquema revela a importância dos atos de Deus nesse texto, o que vai ser dito no versículo cinco é o ápice da história, tal como “apoia o conteúdo da narrativa, lidando com a ação e a contração, ao mesmo tempo em que destaca a imensa diferença entre os dois lados, o homem e o Deus” (BAR-EFRAT, 1989, p. 110, tradução nossa).

O curioso nessa estrutura concêntrica é que todos os elementos que indicavam ou incentivavam a maldade do povo são invertidos após a ação divina. A comunicação que levou a humanidade até ali se torna impossível (A – A’), a união para o mal é desfeita (B – B’), a construção movida pela afronta é abandonada (D – D’ e F – F’). Assim notamos que a estrutura concêntrica revela que o julgamento divino deu uma sentença, que além de corresponder aos pecados humanos, foi para desviar a humanidade de seus maus caminhos.

Hughes (2004), falando ainda sobre a construção literária, diz que essa cuidadosa estrutura é combinada com uma utilização minuciosa de palavras e jogos de palavras por meio de assonância, rima, aliteração e paronomásia, que, naturalmente, estão escondidas no hebraico. O resultado é uma história notável, sutil e poderosa que deixa a sua marca sobre os ouvintes.

Dentre esses fenômenos literários chama a atenção a repetição do som consonantal LBN, que ocorre com as sentenças *נִלְבְּתָה לְבָנִים* (nil<sup>l</sup>b<sup>n</sup>nāh l<sup>l</sup>bênîm) e *הַלְבֵּנָה לְבֵן* (hal<sup>l</sup>bênāh l<sup>l</sup>ben)<sup>33</sup>, ambas do verso 3, que por sinal, relata as pretensões humanas. “Com as consoantes (raiz), em mente, lemos a história mais uma vez. Então nos deparamos com a palavra decisiva de Deus: *nāb<sup>l</sup>lā*, [נִבְלָה] ‘confundamos’” (FOKKELMAN, 2004, p. 15, tradução nossa). O som consonantal aqui é NBL, portanto temos uma destoante inversão exata do som que, até então, se repetia. Essa inversão se dá exatamente no paralelo D – D’, Fokkelman chama esse fenômeno de quiasmo de som. Assim vemos que a reversão da ordem dos sons, juntamente com a simetria concêntrica, revela outra reversão; Deus inverte os atos humanos que até então os levam à perdição. Logo, quanto ao julgamento divino, essa simetria revela a graça.

Essa riqueza literária denota a importância da narrativa e auxilia na interpretação do texto. Pois assim como a estrutura presente na narrativa é dupla, também é dupla a natureza do julgamento divino presente nela, justiça e graça. Assim como as simetrias coexistem e se complementam, ambas as naturezas do julgamento coexistem e revelam o caráter de Deus. A partir da estrutura já podemos presenciar a graça divina, mas, para evidenciar, iremos analisar o ato de Deus nesse relato.

## DEUS DESCE

A primeira ação divina nessa perícopa está exposta no verbo *יָרַד* (yēred - descer) esse verbo pode nos indicar mais de uma possível ideia. Uma das primeiras ideias transmitidas pelo autor que podemos observar é a ironia. Todavia, a torre estava sendo construída para alcançar a morada de Deus, mas é necessário que Deus “desça” de “Sua morada” para ver a torre. Hughes (2004) comenta que a torre foi tão microscópica que o Deus onipotente que tudo vê tinha que descer para ver a

(v. 4a) וַיֹּאמְרוּ הַבְּנֵי (vayyo'meru habah) :E

(v. 4b) עֵיר וּמִגְדָּל (ir umigdal) :F

(v. 5a) וַיֵּרַד יְהוָה לִרְאוֹת (vayyered Yahweh lir'ot) :G

(v. 5b) אֶת־הָעִיר וְאֶת־הַמִּגְדָּל ('et-ha'ir ve'et hammigdal) :F'

(v. 6) וַיֹּאמֶר יְהוָה (vayyo'mer Yahweh) :E'

(v. 7a) וַנְּבַלֶּה הַבְּנֵי הַטֹּרֵף (venabelah habah neredah) :D'

(v. 7) יִשְׁמַע אִישׁ (yisme'u 'ish) :C'

(v. 8) מִסָּמ אֹתָם (missam 'otam) :B'

(v. 9) שַׁפְּתַי כִּל־הָאָרֶץ (saphah kal-ha'ares) :A'

33 Fokkelman (2004) aponta seis repetições do som LBN ao longo da perícopa.

“grande torre”. Gusso (2011) também entende essa expressão como uma ironia, pois, segundo ele, a torre diante de Deus era insignificante. Uma coisa é certa, a ambição dos construtores de tornar os seus nomes famosos foi alcançada, mas não com glória que eles almejavam, mas sim lembrados como uma piada.

Há de se pontuar que essa descida de Deus aqui mencionada, não significa uma ausência de onipresença, como se Deus não pudesse ver a torre do céu, de maneira nenhuma, retrata apenas, além da ironia, o agir de Deus “conforme a maneira dos homens” (HENRY, 2004, p. 41) assim entendemos que essa é uma descrição antropomórfica de uma interposição de Deus nas ações humanas (KEIL; DELITZSCH, 1996). Gill (s.d.) diz, assertivamente, que Deus não desceu localmente ou visivelmente, sendo imenso e onipresente, nem para tomar nota de algo que de outra forma Ele não poderia ver do céu, pois ele é onisciente. Desse modo fica claro que nessa teofania o autor relata um antropomorfismo.

Temos nesse verso uma teofania. Harris, Archer Jr., e Waltke (1998) dizem que em uma teofania Deus deixa sua morada e vem para comunicar algo ao homem, quer diretamente mediante a palavra quer indiretamente por meio de algum instrumento, mas geralmente Deus traz ou uma mensagem de julgamento ou uma mensagem de salvação. Veremos então qual dessas duas se encaixa melhor na história de Babel.

## Deus desce para julgar

O verbo יָרַד (yarad), segundo Vine, Unger e White (2002), é usado no sentido de “descer”, quando a ênfase está em “mover-se para baixo” em direção aquele que se fala, assim Deus desceu para se aproximar dos construtores e avaliar suas ações antes de decretar o julgamento. Deus é justo em tudo que faz, pois mesmo sendo onisciente e não necessitando de avaliar a veracidade dos fatos Ele o faz para que vejamos sua justiça. Deus desceu para conhecer a verdade, não por precisar apurar os fatos, mas para estabelecer, assim, um padrão a fim de que examinemos as causas antes de darmos a sentença (POOLE, 1982).

Tal prática divina é registrada também em Gn 18:21 no qual Deus diz: “descerei agora, e verei se em tudo tem praticado segundo o seu clamor, que a mim tem chegado; e senão, sabê-lo-ei.” Nesse verso fica evidente que Deus desceu intencionalmente para investigar o clamor e os pecados de Sodoma e Gomorra (HARRIS; ARCHER JR.; WALTKE, 1998), a relação desse verso com 11:5 se intensifica ao observarmos os verbos usados para descrever as ações de Deus, “descer” e “ver” (רָאָה - r’á), que são os mesmos usados na história de Babel.

O diálogo que se segue no capítulo 18 nos revela a justiça divina, pois fica evidente que Deus não destruiria o justo com o ímpio se encontrasse apenas 10 desses nas duas cidades, o que não aconteceu. Não há uma intercessão por Babel como ouve por Sodoma e Gomorra, mas não era necessário pois o Justo Juiz do capítulo 18 é o mesmo aqui no capítulo 11, e suas ações são constantes, o que nos leva a crer que a mesma justiça dominante na destruição das cidades do capítulo 18 foi aplicada em Babel.

Deste modo já conseguimos ver mais claramente a graça divina atrelada à sua justiça. Imagine a cena: Deus vê a cidade e a torre, Ele não estava simplesmente vendo a construção, ele estava olhando os motivos que iam no coração de cada um daqueles homens, olhava para ver quais eram as intenções humanas. Tristeza semelhante à de Gn 6:6 deve ter invadido o coração de Deus, os homens que Ele havia criado e depois escolhido para pertencer à linhagem dos que foram salvos do dilúvio e tanto havia cuidado, agora afrontam-no. Em tão pouco tempo a linhagem de um homem justo se corrompeu, eles tentavam (mesmo que em vão) invadir Sua morada. Rebeldia e apostasia



dominavam o coração deles. Por fim Ele avalia para dar o veredito e como Juiz Justo poderia dar uma sentença a altura da ofensa, mas como pai de amor não faz isso.<sup>34</sup>

Além da sentença não ser a altura da ofensa podemos notar uma correspondência entre o pecado e o aresto, ele não é dado ao esmo ou aleatoriamente.

Ao longo de Gênesis não vemos Deus tendo nenhuma reação arbitrária contra o pecado e a desobediência. Ele nunca escolhe de forma aleatória dentre os muitos castigos possíveis. A correspondência entre ofensa e castigo destaca a natureza da transgressão e o caráter da justiça divina em ação ([HAMILTON, 2007, p. 83](#)).

Com isso a mensagem consolidada pela simetria progressiva se torna mais cristalina.

Os babelitas temiam um novo dilúvio pois sabiam que mereciam um; se a própria humanidade chegou a essa conclusão talvez seja essa a real sentença. Contudo, respeitando sua promessa e derramando sua graça, Deus não manda uma nova destruição por inundação, nem se quer destrói a cidade, apenas dispersa seus moradores. Henry ([2004](#)) observa a sabedoria e a misericórdia de Deus nos métodos que Ele empreendeu para desfazer este projeto de construção, observa ainda a misericórdia de Deus ao não permitir que o aresto fosse igual à ofensa, no que diz respeito a intensidade. Mas escolheu uma sentença que revertesse e tivesse uma certa similaridade com a afronta. Ele não nos trata conforme merecem os nossos pecados.

Deus foi justo em todo seu julgamento em Babel, analisando as diversas ofensas e decretando uma sentença de amor, assim mais uma vez o tema de pecado e maldição foi compensado com graça e bênção ([KAISER JR, 2007](#)). Para entendermos melhor como a intervenção divina em Babel se qualifica como um ato de graça, precisamos analisar ainda a segunda mensagem trazida por Deus quando ele desce, a saber: a salvação.

## Deus desce para salvar

Além de julgar Deus também desce para salvar, como por exemplo em Isaías 31:4-5<sup>35</sup>, em que o próprio Rei de Israel diz que descera para lutar pelo seu povo como um leão e não apenas lutará, mas também protegerá, livrará e salvará caso o povo se arrependa e volte para Ele. Proteção, livramento e salvação, foi o que Deus ofereceu ao povo de Israel, Ele descera para agir em prol daquele povo caso se arrependesse de seus caminhos maus.

Êxodo 3:8<sup>36</sup> é outro exemplo claro de que Deus desce para salvar. Do meio da sarça ele diz a Moisés que via o sofrimento do povo no Egito e que desceu para salvá-los. Mas em ambos os textos a salvação é destinada ao povo escolhido de Deus, será que de igual modo Deus agiria para com um povo que futuramente seria conhecido como Babilônia, a rival espiritual de Jerusalém? Para com um povo que o rejeitava, o desafiava e o substituíam?

Em momento algum da narrativa de Gn 11 é dito se Deus desceu para salvar ou não, mas o curioso é que o autor inspirado usa o tetragrama para se referir a Deus. Tanto יהוה, o nome do Deus de Israel, quanto אלהים eram usados para se referir a Deus, mas enquanto אלהים se referia a um Deus criador, um termo mais amplo, יהוה era usado quando se tratava das relações do Senhor

34 Falando do julgamento divino em uma esfera mais ampla, Blazen (2011, p. 314) declara que: "O conceito de Deus como juiz é superado, embora não suplantado, pelo conceito de Deus como Pai." Dada a consistência divina podemos aplicar esse princípio também ao julgamento em Babel.

35 "Porque assim me disse o Senhor: Como o leão e o cachorro do leão rugem sobre a sua presa, ainda que se convoque contra eles grande número de pastores, e não se espantam das suas vozes, nem se abatem pela sua multidão, assim o Senhor dos Exércitos descera, para pelejar sobre o monte Sião e sobre o seu outeiro. Como pairam as aves, assim o Senhor dos Exércitos amparará a Jerusalém; protegê-la-á e salvá-la-á, poupá-la-á e livrá-la-á."

36 "Por isso, desci a fim de livrá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e ampla, terra que mana leite e mel; o lugar do cananeu, do heteu, do amorreu, do ferezeu, do heveu e do jebuseu."

com seu povo e suas ações nesse povo, esse era um termo mais específico para se referir a Deus ([CRABTREE, 1986](#)). Por que então o autor usa esse nome no relato de Babel? Esse era o nome usado para o povo de Israel, para os filhos de Deus, e mesmo assim o autor usa-o aqui e logo em seguida chama os babelitas de filhos dos homens. Isso nos parece uma discrepância, mas a ideia transmitida pelo autor é simples de se entender e se torna magnífica quando entendida.

A mensagem contida no versículo 5 é a graça de Deus explícita, pois, mesmo sendo chamados de filhos dos homens, Deus os considerava seu povo, seus filhos, e se revela a eles como tal. Mesmo estando imersos no pecado, **יְהוָה** desce para salvá-los, pois são seus filhos e como tais Ele os ama. É óbvio que Deus odeia o pecado, contudo ama o pecador e é por amor que ele intervém em Babel.

A divisão da língua foi uma prova do amor do Pai, pois o juízo de Deus, além de não ter sido tão severo quanto os pecados do povo, foi um benefício ao próprio homem. Hughes ([2004](#)) argumenta que os construtores iriam criar uma ilusão de autossuficiência por meio de sua falsa religião, segurança corporativa, e uniformidade política. Eles iriam rejeitar os princípios divinos, como já faziam. Em sua ilusão dificilmente voltariam para Deus, o coração deles se tornaria impenetrável e irredimível; e “Pela sua misericórdia, Deus se recusou a permitir que este esquema maligno tivesse êxito” ([CRISP, 2002, p. 43](#)).

Groningen ([1995](#)) afirma que a construção foi uma rebelião contra o plano de Deus de libertar a humanidade do julgamento divino contra o pecado e o mal, por meio da semente da mulher. Groningen diz ainda que os construtores buscavam solucionar o problema do pecado por conta própria, negligenciando assim a profecia dada em Gn 3; é certo que não conseguiriam, mas em seus anseios se perderiam. Assim vemos que Deus age para desviá-los dos seus maus caminhos, age para que o povo seja liberto, age para o cumprimento do plano da salvação e para que a graça chegue até eles.

As palavras do Senhor sugerem essa preocupação com o que a humanidade se tornaria, “agora não haverá restrição para tudo que eles intentarem fazer” (Gn 11:6). Essa frase dita por Deus não deve ser lida como se Ele tivesse medo das ações dos homens contra Ele, mas sim como se Deus tivesse medo de perder a humanidade por conta de suas ações, essa frase é dita com zelo e amor divino.<sup>37</sup> Deste modo a mensagem consolidada pela simetria concêntrica se torna mais cristalina.

Kaiser Jr. ([2007](#)) afirma que desta forma a crise na terra foi resolvida pela palavra de graça do mesmo Deus que tratou do pecado de maneira justa. Por meio de um julgamento justo e de uma sentença de salvação Deus estendeu sua graça aos babelitas, seu amor foi manifesto para um povo que já não o amava. Deste modo podemos ver que as duas mensagens que, segundo Harris, Archer Jr., e Waltke ([1998](#)), Deus traz ao descer são visíveis em Babel (aqui Deus desce para julgar e para salvar). Creio que já podemos ver que Lasor, Hubbard, Bush, Childs, von Rad e Clines não foram corretos em suas afirmações! Há sim graça divina no episódio de Babel, mas o amor divino pelo pecador não parou por aí. Por meio de um único homem Deus pretendia levar benção a todos. A graça continuou abundando por meio de Abraão. O modo como o chamado de Abraão pode ser entendido como graça aos babelitas é o que veremos na seção que se segue.

## A GRAÇA PARA TODAS AS NAÇÕES

Após o fiasco em Babel os construtores partiram conforme as suas famílias e idiomas que falavam. A genealogia de Gn 10 descreve de antemão todos os povos formados após a divisão da língua,

<sup>37</sup> A linguagem de Gn 11:6 se assemelha a de Gn 3:22, 23 e em ambos os casos não podemos entender que Deus estava agindo por medo do futuro, medo das ações futuras dos homens. Pelo contrário, no cap. 3 Deus temia as consequências para o próprio homem, pois sabia que se o homem prolongasse a vida com o fruto da árvore a maldade se prolongaria juntamente. No capítulo 11, assim como antes, Deus temia as consequências que viriam sobre os próprios homens. Ora, Deus não agiu em Babel por medo, ele não dispersou os babelitas para que não alcançassem seus objetivos chegando ao céu e tomando o trono de Deus, afinal nunca conseguiriam. Mas agiu para impedir que continuassem se afastando dEle (caminhando para o oriente).

representados seja tanto com os nomes de seus fundadores quanto com os nomes das cidades fundadas. Não que todos descritos na tabela das nações de Gn 10 sejam todos que estavam em Babel, é provável que nem todos os povos estejam listados nesse capítulo, mas o autor cuidadosamente selecionou e colocou setenta povos até Pelegue, pois nos seus dias se dividiu a terra.<sup>38</sup>

Mais de 180 anos depois da história de Babel um novo personagem surge, Abrão, com o qual Deus estabeleceu uma aliança. Em Abrão os relacionamentos que foram quebrados no capítulo 9 e intensificados no capítulo 11 são novamente restaurados: a aliança de Deus com Abrão restaura o relacionamento de comunhão entre homem e Deus; a terra prometida restaura o domínio justo sobre a natureza; por fim, a promessa de ser uma grande nação restaura o relacionamento com o próximo (12:1-2), pois dessa vez seria uma nação diferente de Babel, com o propósito de engrandecer a Deus e não a si mesma.

Abrão se tornou o oposto dos babelitas, pois enquanto esses se juntaram em Sinar contrariando a Deus, Abrão saiu de Sinar a pedido de Deus (11:31; 12:1), enquanto os babelitas buscavam ser uma nação poderosa e fracassaram, a promessa a Abrão é de que ele seria uma grande nação, Brow (2007) inclui nas diferenças o fato de os primeiros moradores de Sinar buscarem tornar seu nome célebre e não conseguirem, em contrapartida, Abrão tem o nome engrandecido por Deus (12:2), outra diferença que inclui é que por meio de Babel a terra sofreu com a divisão da língua e por meio de Abrão todas as famílias da terra serão benditas (12:3).

Por ser a reversão de Babel, Abrão se tornou a maior bênção para a mesma, pois o texto nos diz que todas as famílias seriam abençoadas por meio dele. A palavra usada para descrever o grupo que seria abençoado é **תְּשׁוּבָה**<sup>39</sup>, que é a mesma usada no fim do capítulo 10 para descrever os povos da família de Noé. Ao longo do Gênesis essa promessa é repetida pelo menos mais duas vezes a Abrão (Gn 18:18 e Gn 22:18), contudo nesses versos há uma substituição da palavra **תְּשׁוּבָה** pela palavra **גוֹי**, da raiz **גוּ** (gôy), traduzida comumente nesses versos por “nação”.

No capítulo 12 a escolha precisa da palavra **תְּשׁוּבָה** e não de **גוֹי**, como é usada na maioria dos casos, nos mostra a intenção do autor de relacionar a bênção de Abraão com os babelitas, descendentes de Noé. Assim há uma referência clara de Abraão como sendo o meio pelo qual Deus abençoaria a todos os dispersos em Babel. Desse modo “O número de pessoas incluídas em ‘todas as famílias da terra’ [...] é o mesmo da lista das nações em Gn 10” (KAISER JR., 2011, p. 46).

Podemos ver que Abrão é levantado para abençoar também os povos que se originaram com a divisão das línguas, ele mesmo surge dessa divisão, sendo assim um descendente dos babelitas. A graça redentora de Deus levantou um homem pelo qual os povos pecaminosos seriam abençoados e consequentemente teriam a oportunidade de salvação.

Da própria divisão surge a graça, por meio de um babelita é que os babelitas são abençoados. Deus não busca um homem fora da história que estava num contexto de “santidade” e o insere à narrativa para ser uma bênção, pelo contrário, ele escolhe um que está no contexto de apostasia pós Babel para ser uma bênção aos descendentes de Babel<sup>40</sup>.

38 São eles: 1 Gomer; 2 Magogue; 3 Madai; 4 Javã; 5 Tubal; 6 Meseque; 7 Tiras; 8 Asquenaz; 9 Rifate; 10 Togarma; 11 Elisá; 12 Társis; 13 Quitim; 14 Dodanim, que se dividiram segundo suas línguas em suas nações (10:2 – 5); 15 Cuxe; 16 Mizraim; 17 Pute; 18 Canaã; 19 Sebá; 20 Havilá; 21 Sabtá; 22 Raamá; 23 Sabtecá; 24 Sabá; 25 Dedã; Ninrode que edificou mais de uma cidade: além de Babel, 26 Ereqe; 27 Acade; 28 Calné; 29 Ninive; 30 Reobote-Ir; 31 Calá; 32 Resém, essas foram as edificadas por Ninrode. 33 Ludim; 34 Anamim; 35 Leabim; 36 Naftuim; 37 Patrusim; 38 Casluim; 39 Cafitorim; 40 Sidom; 41 Hete; 42 Os jebuseu; 43 Os amorreus; 44 Os gírgaseus; 45 Os haveus; 46 Os arqueus; 47 Os sineus; 48 Os arvadeus; 49 Os zemareus; 50 Os hamateus; 51 Sidom; 52 Gerar; 53 Gaza; 54 Sodoma; 55 Gomorra; 56 Adma; 57 Zeboim; 58 Lasa; segundo as suas línguas, em suas terras, em suas nações (10:6-20). 59 Elão; 60 Assur; 61 Arfaxade; 62 Lude; 63 Arã; 64 Uz; 65 Hul; 66 Geter; 67 Más; 68 Salá; 69 Héber; 70 Pelegue, nos dias de Pelegue a terra foi repartida (10:22 – 25). Totalizando assim 70 nações listada até o registro da divisão da terra. Em conformidade, Kaiser Jr (2007) contabiliza também 70 nações.

39 Essa palavra tem o sentido de clã, e não somente o núcleo familiar, contudo não engloba todo o povo, somente uma linhagem, uma grei (ZIMMER *et al.*, 1998).

40 Josué posteriormente indica o contexto em que vivia Abraão: “Além do Rio habitaram antigamente vossos pais, Tera, pai de Abraão e de Naor; e serviram a outros deuses” (Js 24:2b).

A promessa feita a Abraão é repetida aos seus descendentes, mas sempre com a palavra **בְּרָכָה** ao descrever o grupo a ser abençoado por meio deles. Já no capítulo 28:14 a palavra **בְּרָכָה** é retomada, desta vez a promessa é a Jacó e sua descendência. Ao olharmos para os descendentes de Jacó, e por consequência de Abraão, que foram para o Egito, uma luz brilha aos nossos olhos, ao todo foram setenta (Gn 46:27), o mesmo número de povos cuidadosamente colocados na genealogia dos filhos de Noé até Pelegue, um descendente para cada povo. Isso não quer dizer que cada um desses descendentes de Jacó evangelizou uma cidade oriunda da divisão das línguas, mas demonstra de maneira simbólica que todos seriam alcançados. Por meio da retomada da expressão **בְּרָכָה** capítulos depois, o leitor é levado a se lembrar da promessa de bênção aos babelitas feita no capítulo 12, e ao ler o número de descendentes conclui-se que Deus está agindo para cumpri-la.

A graça não se conteve somente no período da divisão dos povos, nem mesmo na eleição de Abraão, mas transbordou por um período maior e teve seu ápice com Jesus, por meio do qual todos esses povos, descendentes de Babel, foram e estamos sendo abençoados.

## IMPLICAÇÕES TEOLÓGICAS

A maldade que se tornou comum antes do dilúvio e levou ao ato de graça de Deus por meio da destruição da terra voltou a popularizar-se no período de Babel, que foi uma cidade que desde seu início teve o propósito de opor-se a Deus e afrontá-Lo. Uma cidade cujo o povo foi comparado aos filhos dos homens antediluvianos, que caminhava para longe de Deus.

Um povo que semelhante aos seus antepassados merecia a destruição, contudo Deus, ao contrário do esperado, se revela como Deus próximo, cuida como sendo seu povo<sup>41</sup> e os presenteia com seu amor e graça; por meio de uma sentença que os abençoa, Ele divide os babelitas e levanta um homem dentre esse povo que é um instrumento de bênção para todos.

Não há como dizer que não podemos ver nenhuma palavra de graça nesse texto, a graça são os atos de Deus em favor da humanidade e em Babel são esses atos que proporcionam oportunidade de salvação. De maneira graciosa Deus abençoou os pecadores apesar de seus pecados.

A graça não é exclusiva do Novo Testamento, ela está presente em toda a Bíblia, pois Deus é o mesmo em ambos os testamentos, inclusive hoje. Suas ações de amor pelo pecador não mudaram e não mudarão.

O pecado nos afasta de Deus, contudo Ele desce e se aproxima de nós para nos salvar. A mesma graça disposta em Babel está à nossa disposição hoje, não importa o nível de maldade, nem o quão opostos estamos a Deus, o amor de Deus o pai irá nos alcançar, pois “nem a morte, nem a vida, nem anjos nem principado, nem coisas presentes, nem futuras nem posteriores, nem altura, nem a profundidade, nem qualquer outra coisa poderá nos separar do amor de Deus” (Rm 8:38-39). Assim como ele agiu em prol da humanidade para salvá-la em Babel, e por toda a Bíblia, Ele também agirá hoje.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lutero (2003) afirma que o livro de Gênesis é praticamente um livro de evangelho, considerando que o evangelho “é o poder de Deus para salvação” (Rm 1:16) veremos que é exatamente esse

41 Sabemos que atitudes divinas, que aos nossos olhos parecem severas, fizeram parte da história de Israel, os julgamentos divinos ao seu povo foram duros, mas necessário para que o povo voltasse de seus maus caminhos ao Senhor. O que Deus fez com o povo da aliança no decorrer da história Ele também fez com Babel, os julgou justamente para que reconhecessem seus caminhos ruins e voltassem a Deus.

poder que Gênesis apresenta, portanto, um evangelho. A história de Babel é sem dúvida um dos grandes exemplos do evangelho de Gênesis. Em Babel Deus viu a maldade que estava no coração daquele povo e sabia que essa maldade seria ruim para eles mesmos, por isso agiu para salvar os babelitas e desviá-los de seus maus caminhos.

A graça divina inunda essa história de salvação, está presente desde a narrativa até sua estrutura. Deus por amor e graça deu um julgamento justo e gracioso ao povo, permitindo que a sentença fosse em benefício à humanidade. Deus deu ainda sua graça aos babelitas os considerando Seus filhos, amando-os como tais, agindo de misericórdia independentemente de seus pecados. Mesmo com os pecados amontoados até o céu Deus concede sua graça, e como se não fosse o suficiente prometeu e abençoou todas as nações por meio da descendência de Abrão, o qual era um babelita e foi eleito para ser bênção para todos. Assim notamos que Babel é um exemplo claro de que “onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Rm 5:20).

## REFERÊNCIAS

ARCHER JR., G. L. **Panorama do Antigo Testamento**. 4. ed. São Paulo: Vida Nova, 2012.

BLAZEN, I. T. Salvação. In: DEDEREN, Raoul (Ed.). **Tratado de teologia**: Adventista do Sétimo Dia. Tatuí, SP: CPB, 2011, p. 305-352. v. 9.

BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R.E (Eds.). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo**: Antigo Testamento. São Paulo: Paulus, 2007.

BAR-ERFAT, S. **Narrative art in the bible**. 2. ed. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1989.

CLINES, D. J. A. **The theme of the pentateuch**. 2. ed. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997.

CHAMPLIN, R. N. **O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo**: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números. 2. ed. São Paulo: Hagnos, 2001. v. 1.

CHILDS, B. S. **Introduction to the Old Testament as scripture**. Philadelphia, PA: Fortress Press, 1979.

CLARKE, A. **Clarke's commentary**. 1832. Disponível em: <https://bit.ly/3gBS58i>. Acesso em: 02 out. 2020.

CRABTREE, A. R. **Teologia do Velho Testamento**. 4. ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1986.

CRISP, R. **Um Guia de estudos do livro de Gênesis**. Independence, KY: Primeira Igreja Batista de Madison Pike, 2002.

DATTLER, F. **Gênesis**. São Paulo: Paulinas, 1984.

DECLAISSÉ-WALFORD, N. L. God Came Down... and God Scattered: Acts of Punishment or Acts of Grace?. **Review & Expositor**, v. 103, n. 2, 2006, p. 403-417. Disponível em: <https://bit.ly/33yR3Gk>. Acesso em: 06 abr. 2020.



- DOBERSTEIN, A. W. **O Egito antigo**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.
- DORNELES, V. **Comentário bíblico adventista do sétimo dia: Gênesis a Deuteronômio**. Tatuí, SP: CPB, 2011. v. 1.
- DORSEY, D. A. **The literary structure of the old testament: a commentary on Genesis – Malachi**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2004.
- FOKKELMAN, J. P. **Narrative Art in Genesis: specimens of stylistic and structural Analysis**. Eugene, OR: Wipf and Stock Publishers, 2004.
- FRANCISCO, C. T. **Introdução ao Velho Testamento**. 4. ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1990.
- GILL, J. **John Gill's exposition of the Whole Bible**. Disponível em: <https://bit.ly/3a3zlvL>. Acesso em: 29 maio 2020.
- GRONINGEN, G.V. **Revelação messiânica no Velho Testamento**. Campinas, SP: Luz Para o Caminho, 1995.
- GUSSO, A. R. **O pentateuco: Introdução fundamental e auxílios para a interpretação**. Curitiba: A.D Santos, 2011.
- HAMILTON, V. P. **Manual do pentateuco**. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- HARRIS, R. L.; ARCHER JR., G. L.; WALTKE, B. K. (Orgs.). **Dicionário internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HARTMANN, F. **Der turmbau zu Babel: Mythos oder Wirklichkeit?** Neuhausen: Hanssler, 1999.
- HENRY, M. **Comentário bíblico de Matthew Henry**. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- HOFF, P. **O pentateuco**. São Paulo: Vida, 1995.
- HOLLADAY, W. L. **A concise hebrew and aramaic lexicon of the Old Testament**. Boston: Brill, 2000.
- HUGHES, R. K. **Genesis beginning and blessing**. Wheaton, IL: Crossway Books, 2004.
- KAISER JR. W. C. **Teologia do Antigo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- KAISER JR. W. C. **O plano da promessa de Deus: teologia bíblica do Antigo e Novo Testamentos**. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- KEIL, C. F.; DELITZSCH, F. **Keil and Delitzsch commentary on the Old Testament**. Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1996. v. 1.
- KINDNER, D. **Gênesis: introdução e comentário**. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Vida Nova, 1979.

- LASOR, W. S.; HUBBARD, D. A.; BUSH, F. W. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- LESSA, R. S.; GUARDA, M. D.; SCHEFFEL, R. M. **Nisto cremos: 27 Ensinos Bíblicos dos Adventistas do Sétimo Dia**. 7. ed. Tatuí, SP: CPB, 2003.
- LOCKTON, H. A. Os Adventistas e o Ambiente. **Dialogo universitário**. Silver Spring, v. 4, n. 2, p. 5-7, maio/ago. 1992. Disponível em: <https://bit.ly/3kkVVoq>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- LUCAS, E. **Gênesis hoje: Gênesis e as questões da ciência**. 2. ed. São Paulo: ABU Editora, 2005.
- LUTERO, M. **Obras selecionadas: Interpretação bíblica, princípios**. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2003. v. 8.
- MATHEWS, K. A. **The New American Commentary: Genesis 1–11:26**. Nashville: Holman Reference, 1996. v. 1A. (New American Commentary).
- MCNAMARA, M.; CATHCART, K. J.; MAHER, M. **The Aramaic Bible: The Targums**. Collegeville: The Liturgical Press, 1987.
- MENDES, P. **Noções de hebraico bíblico**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- MEYER, F. B. **Comentário bíblico devocional Velho Testamento**. Belo Horizonte: Betânia, 1993.
- MUILENBURG, J. Form criticism and beyond. **Journal of Biblical Literature**, [s.l.], v. 88. n. 1, mar. 1969, p. 1-18. Disponível em: <https://bit.ly/2DCbrvz>. Acesso em: 10 fev. 2020.
- NETTO, I. S. Os faraós no antigo Egito: faraós como deuses. **O fascínio do Egito**. [s.d.]a. Disponível em: <https://bit.ly/3koUHZn>. Acesso em: 30 set. 2020.
- NETTO, I. S. Os faraós no antigo Egito: túmulo dos faraós. **O fascínio do Egito**. [s.d.]b. Disponível em: <https://bit.ly/3kyROp9>. Acesso em: 30 set. 2020.
- PAROSCHI, K. Isaías 14 e a queda de Satanás: apesar dos críticos, podemos continuar acreditando na interpretação tradicional. **Ministério**. Tatuí, SP, v. 3, n. 525, mai. /jun. 2016, p.19-21.
- PAULIEN, J. K. The deep things of God: an insider's guide to the book of Revelation. **Review and Herald**. Maryland, 2004.
- PAULO II, J. **A interpretação da bíblia na igreja**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1994.
- PINTO, C. O. C. **Fundamentos para exegese do Antigo Testamento: um manual de sintaxe**. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- PFEIFER, C. F.; VOS, H. F.; REA, J. **Dicionário bíblico Wycliffe**. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- POOLE, M. **Matthew Poole's commentary**. New York: Robert Carter and Brothers, 1982.

- PRINCE, R. **Arqueologia bíblica**. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.
- RENDSBURG, G. A. **The Redaction of Genesis**. Winona Lake: Eisenbrauns, 1986.
- RIDDERBOS, J. **Isaías: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1986.
- RYKEN, L.; WILHOIT, J. C.; LONGMAN III, T. (Eds.). **Dictionary of Biblical Imagery**. Downers Grove, IL: Intervarsity Press, 1998.
- SEELY, P. H. The date of the tower of babel and some theological implications. **Westminster Theological Journal**, Philadelphia, v. 1, n. 63, 2001, p. 18-35.
- SOUZA, E. B. **O santuário celestial no Antigo Testamento**. Santo André: Academia Cristã, 2014.
- STEIN, A. V. **Criação: Criacionismo Bíblico**. Lychen: Daniel-Verlag, 2005.
- TRICCA, M. H. O. **Apócrifos II: os proscritos da Bíblia**. 2. ed. São Paulo: Mercury, 1992.
- VANGEMEREN, W. A. **Novo dicionário internacional de teologia e exegese**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011a. v. 1.
- VANGEMEREN, W. A. **Novo dicionário internacional de teologia e exegese**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011b. v. 2.
- VELOSO, M. **O homem: uma pessoa vivente**. 2. ed. Brasília: Alhambra, 1984.
- VINE, W. E.; UNGER, M. F.; WHITE, W. **Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.
- VON RAD, G. **Teologia do Antigo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Targumim, 2006.
- WALKER, L. L.; MARTENS, E. A. **Cornerstone Biblical Commentary: Isaiah, Jeremiah, Lamentations**. Cambridge: Tyndale House, 2005. v. 8.
- WALTKE, B. K. **Gênesis**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.
- WALTON, J. H. **Comentário bíblico Atos: Antigo Testamento**. Belo Horizonte: Editora Atos, 2003.
- WESTERMANN, C. **Genesis 1–11: a continental commentary**. Tradução de John Scullion. Minneapolis: Fortress Press, 1994. v. 1.
- WENHAM, G. J. **Word biblical commentary: Genesis 1-15**. Texas: Word Book, 1987. v. 1.
- WHITE, E. G. **História da redenção**. Tatuí: CPB, 2008.
- WHITE, E. G. **Patriarcas e profetas**. Tatuí: CPB, 2007.

WHITE, E. G. [**Correspondência**] Destinatário: homens que ocupam posições responsáveis no trabalho. Cooranbong, Austrália 1 jul. 1896. 4f.

ZIMMER, R.; SCHWANTES, M.; KILPP, N.; KIRST, N.; RAYMANN, A.; **Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português**. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1998.

ZUCK, R. B. (Ed.). **Teologia do Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.